



Quarta-feira, 18 de Junho de 1975

# Avançada

CGTP - IN  
CENTRO DE  
DOCUMENTAÇÃO

51376  
Nº

27

Preço 3\$50

UNIDADE NA AÇÃO — A FORÇA DOS TRABALHADORES

10 DE JUNHO

## FIRMEZA REVOLUCIONÁRIA NO TRABALHO

«É o trabalho que é verdadeiramente criador, seja de que ordem for. É o trabalho que faz tudo na Terra. Há alguma coisa que tenha sido feita na Terra sem trabalho?». Esta a pergunta que já nos foi posta pelo nosso primeiro-ministro, general Vasco Gonçalves.

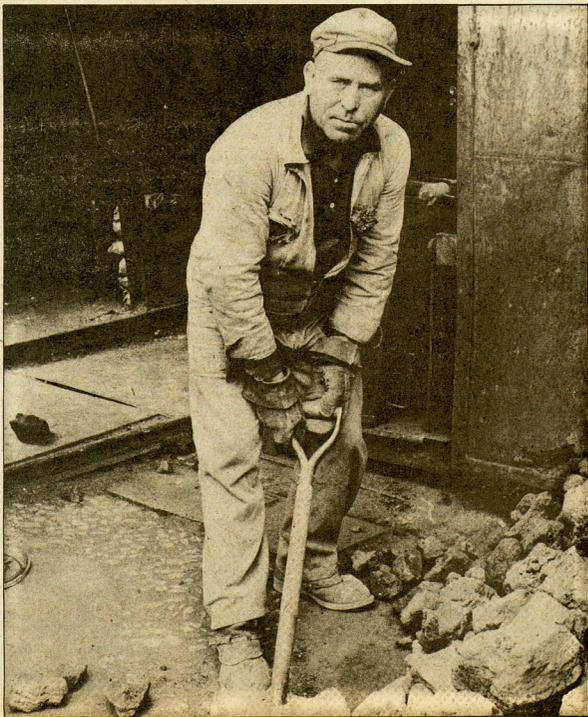
Na verdade, nada se faz sem trabalho, sem se produzir riqueza. Riqueza, que agora começa a ser de todos nós. Daí a importância da batalha da produção e do controlo operário da produção.

Após o 11 de Março, cada dia do nosso trabalho é um passo em frente na Revolução.

Os trabalhadores mais conscientes já se aperceberam do que acima ficou dito. Por isso, muitos deles corresponderam ao apelo lançado pela Intersindical Nacional, no passado dia 10 de Junho.

Foi assim que centenas de milhares de trabalhadores fizeram daquele dia uma verdadeira jornada de luta, demonstrando a sua intransigente vontade de levar até ao fim a revolução socialista em que todos estamos empenhados.

«Ou se está com a Revolução ou se está com a reacção. Não há terceiras vias, nem há neutros aqui. Não pode haver neutros», disse também o primeiro-ministro. Na Batalha da Produção não pode haver neutros. Ou não produzimos e estamos com a reacção, ou produzimos e estamos com a Revolução.



**NOTELARIA:**

**Sector em crise**

PAGS. 4 e 5

**LISNAVE**

PAG. 16

## DIRECTOR INTERINO:

José Luís Judas

## 24 páginas

Preço avulso, 3550

## REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Av. Duque de Loulé, 83-3-3  
Teléfx. 5 99 93/4 57 12 — LISBOA-1

## DELEGAÇÃO NO NORTE

## UNIÃO DOS SINDICATOS DO PORTO

Rua de Santa Catarina, 922-1-1  
Teléfx. 30752/59 — PORTO

## Distribuição para postos de venda

ao público:

Distribuidora «O SECULO»

## COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

Empresa do Jornal do Comércio,  
S. A. R. L.

## RÁDIO

A VOZ DA INTER-  
SINDICAL TODOS  
OS DIAS DAS ZERO  
AS DUAS DA MA-  
DRUGADA ATRA-  
VÉS DAS ONDAS  
MÉDIAS DO RÁDIO  
CLUBE PORTUGUÊS  
(A EMISSORA DA  
LIBERDADE)

UM PROGRAMA  
DOS  
TRABALHADORES  
PARA TODOS  
OS  
TRABALHADORES

Os trabalhadores da CIABLE — empresa de sumos e refrigerantes, estão a contribuir com o seu trabalho para o aumento da produção. Estes trabalhadores ocupam as instalações da fábrica em Marco Ulítico, e as cortias de Abril e Maio apresentam já um saldo positivo de 950 contos. Por outro lado, as vendas de caixas de Abril e Maio de 1974 que se cifravam em 53 361, corresponde agora, e para um período igual, 77 504 caixas.

Esta empresa, situada em Vale de Vendas, nos arredores de Faro, foi visitada por uma representação do MFA constituída por oficiais, sargentos e praças do Regimento de Infantaria de Faro, acompanhados por crianças da Escola Primária da Conceição, apoiando deste modo a iniciativa tomada pelos trabalhadores em prol do desenvolvimento da economia nacional.

///

O Sindicato da Indústria Hoteleira deu já todo o seu apoio à luta que as empregadas do referatório do INATEL (ex-FNAT) estão a desenvolver. Esta luta vem na sequência da luta por melhores condições de trabalho, iniciada logo após o 25 de Abril. Neste momento estas trabalhadoras fazem greve de zelo por estarem a ser feitas obras na cozinha enquanto elas cozinham, daí resultando graves inconvenientes.

///

O MFA decidiu intervir na Cooperativa Agrícola de Madredeiros e ordenar um inquérito às actividades da mesma. Isto porque aquela cooperativa se encontra num estado caótico e deficitário. Por outro lado, e segundo se afirma num comunicado do

**CONCORDATÓRIAS**

## TRABALHADORES VIDREIROS

O Sindicato dos Trabalhadores Vidreiros do Distrito de Lisboa tem vindo a promover diversas reuniões com o fim de discutir o Projecto de Estatutos do referido sindicato.

Assim, no próximo dia 21 pelas 16 horas, realizar-se-á no Centro Paroquial de Moscavide a última Assembleia Geral para a discussão dos mesmos.

## MOTORISTAS

O Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa convida todos os seus associados para uma Assembleia Geral a efectuar no próximo dia 20, pelas 21 e 30, no salão «Voz do Operário» sito na Rua Voz do Operário, 13, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Discussão e aprovação dos Novos Estatutos do Sindicato.

NOTA — É imprescindível a apresentação do cartão de sócio. Camarad! Comparece e Participe.

## CAIXEIROS DE COIMBRA

O Sindicato Livre dos Caixeiros do Distrito de Coimbra, convida todos os seus filiados para uma Assembleia Geral Extraordinária a realizar no dia 25, pelas



Centro de Dinamização das Forças Armadas, existem grupos reaccionários que procuram arrastar as populações das aldeias para uma campanha anti-MFA.

///

Os trabalhadores de Cimentos de Leiria foram visitados pelo ministro da Indústria, João Cravinho, pelo secretário do Estado do Trabalho, Carlos Carvalhais, pelo secretário de Estado das Finanças, Almeida Serra e ainda pelo major Cirne, em representação do brigadeiro Charais.

Neste encontro foram tratadas várias questões que actuamente afectam o sector dos cimentos.

Os trabalhadores da EFACEC — CN do Porto denunciaram em comunicado a sua preocupação pela possibilidade de «fuga» para o estrangeiro de 70 000 contos, posto que, aquela empresa concorreu à adjudicação da instalação de depósitos de resíduos da fábrica Minotero, obra à qual também concorreu uma firma inglesa, que apresenta melhores condições para obter esta adjudicação. No caso de a adjudicação vir a caber à firma inglesa, os 70 mil contos sairão necessariamente do País.

///

Os trabalhadores do ensino particular reuniram em plenário para discussão do CCT e a análise das funções a desempenhar nos vários locais de trabalho pelas comissões sindicais — deram, mais uma vez, as suas propostas e exigiram o fim dos despedimentos.

///

Os trabalhadores da Luso-Delta ocuparam as instalações da firma. Visto a gerência ter cometido uma série de actos fraudulentos que colocaram em perigo o emprego destes trabalhadores.

///

A SAPP, Serviço de Abastecimento de Peixe ao País, passou a ser gerido por uma Comissão ad hoc, solução provisória até ser criada a Secretaria de Estado das Pescas, empresa pública que garantirá o abastecimento regular de peixe ao País, e na qual será englobada também a SAPP.

21 e 30 horas, nas instalações do INATEL (ex-FNAT), com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Alteração e aprovação dos Estatutos;
- 2 — Informações.

Esta Assembleia terá de reunir com um mínimo de 10 % dos sócios, segundo o determinado na lei sindical. Por isso comparece, posto que o não comparecimento deste requisito conduzirá à extinção do Sindicato.

NOTA — O acesso à Assembleia será facultado a todos os sócios que se apresentem munidos do respectivo cartão sindical. Aqueles que ainda o não possuem deverão exigir credencial passada pelo Sindicato.

## CAIXEIROS DE SETÚBAL

O Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Setúbal leva a efeito no próximo dia 20, pelas 21 horas, no salão do INATEL (ex-FNAT) em Setúbal, uma Assembleia Geral Extraordinária, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Discussão e aprovação dos Novos Estatutos do sindicato;
- 2 — Eleição da Comissão Eleitoral;
- 3 — Marcação de Assembleias;
- 4 — Informações.

NOTA — Só podem intervir nas votações e discussão dos trabalhos, os sócios portadores dos respectivos cartões de identificação de sócios do sindicato.

## PADEIROS DE LEIRIA

O Sindicato dos Trabalhadores da Panificação do Distrito de Leiria convida todos os seus associados para uma Assembleia Geral a efectuar no dia 22, pelas 10 horas, na sede, daquela entidade, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Discussão e aprovação dos Novos Estatutos.

## HOTELEIROS DE LISBOA

O Sindicato da Indústria Hoteleira do Distrito de Lisboa convida os seus sócios para uma Assembleia Geral a realizar no próximo dia 23, pelas 14 e 30 horas, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

Apreciação, discussão e aprovação dos Estatutos.

NOTA — Para o ingresso é indispensável a apresentação do cartão de sócio deste sindicato. É necessária a presença de pelo menos 2000 associados. Por isso comparece e participa na vida do teu sindicato.

# ORGANIZAÇÃO SINDICAL: UMÁ ARMA ESSENCIAL DOS TRABALHADORES

por: AVELINO GONÇALVES

Se quisermos definir sucintamente a acção sindical poderemos dizer que é acção colectiva organizada e unitária de defesa de interesses comuns dos trabalhadores.

E ao referir a organização como um dos elementos essenciais da acção sindical, devemos distinguir dois níveis: cada acção colectiva deve ser organizada. Para que assim seja, os trabalhadores devem dispor de uma estrutura organizativa permanente.

E a organização sindical — conjunto de sindicatos, uniões, federações, confederações, comissões sindicais, etc. e seus órgãos — que permite aos trabalhadores actuar, de cada vez, de uma forma organizada, potenciando a sua capacidade de acção colectiva unitária.

No quadro da lei das associações sindicais que veio consagrar o direito de acção sindical, conquistado ao longo de duras lutas, os trabalhadores portugueses encontram-se nesta altura na formulação estatutária das suas organizações e do seu modo de funcionamento.

Após terem vencido a batalha da unidade, os trabalhadores portugueses das massas batem-se, no terreno concreto das leis internas das suas organizações de classes, para vencer a batalha da unidade e da democracia sindical.

Trata-se não apenas de dar cumprimento a uma exigência legal de revisão dos estatutos até ao fim do corrente mês. Trata-se, principalmente, de traduzir em normas simples e claras os princípios sobre que assentará a unidade orgânica da acção sindical das massas trabalhadoras portuguesas. Não se busca apenas preservar as actuais organizações da contestação legalista, procurase, principalmente, estruturá-las em termos que se adequem às exigências do processo revolucionário.

## Avançar na discussão

Multiplicam-se nos jornais as convocatórias de assembleias gerais, reuniões de delegados, plenários. Mas é preciso que a discussão em torno dos estatutos sindicais se alargue ainda mais. Não com cuidados burocráticos, mas como forma de avançar na consciência de que a organização é uma arma essencial aos trabalhadores na luta que têm de travar.

As normas internas das organizações de massas dos trabalhadores não podem ser ghirletas que dificultem a sua capacidade de acção. Muito diferentemente, têm de ser um instrumento que amplie a sua capacidade de acção colectiva. Têm de servir para congregar, não podem servir para submeter. Têm de ajudar à mobilização; não podem remeter à passividade. Devem ser normas funcionais, que garantam a operatividade da organização. Devem ser aptas a servir de suporte às acções colectivas que a nível de empresa, de sector, de região ou a nível nacional os trabalhadores devam desenvolver em defesa dos seus in-

teresses. Devem ser suficientemente dúbias para que possam ser usadas em vez de servir de empecilho. Devem ser suficientemente claras para que possam ser sempre uma arma vigorosa nas mãos da classe e não possam ser nunca um meio de tração nas mãos de oportunistas.

No momento em que, por todo o País, dão corpo legal às suas organizações sindicais, os traba-

CAMARADA, ESTÁ ATENTO AOS NOVOS ESTATUTOS DO TEU SINDICATO...



hadores portugueses darão mostra, uma vez mais, do seu espírito prático. Os trabalhadores sabem que a organização sindical não é um fim em si mesma. Sabem que não se trata de resolver os problemas dos trabalhadores no papel, mas sim de traduzir nos estatutos sindicais aqueles princípios que têm, já, pautado a sua acção e que ajudarão concretamente a que o movimento sindical prosiga o seu desenvolvimento em termos unitários no futuro.

## O projecto de estatutos

O projecto de estatutos elaborado no contexto da Intersindical Nacional e que está a servir de paradigma dos estatutos dos diversos sindicatos, corresponde, no essencial, àquelas preocupações. Formula os princípios que norteiam o movimento sindical português, dispõe sobre a estrutura interna dos sindicatos, contempla a forma de eleição dos delegados sindicais e a organização sindical na empresa, contém normas capazes de garantir o funcionamento democrático da orga-

nização sindical e de contribuir para uma unidade activa da classe.

Procuramos analisar as linhas mestras que enformam o projecto de estatutos:

— O projecto começa por enunciar os princípios fundamentais que regem o Sindicato e os fins que visa. Assim, afirma-se o direito de filiação a «todos os trabalhadores interessados na luta pela sua emancipação» garantindo esse direito contra quaisquer disposições de filiação a «todas as organizações de ordem política, filosófica ou religiosa»; consagra-se o princípio da independência dos sindicatos relativamente ao Estado, aos partidos políticos, ao parlamento e a quaisquer organizações confessionais; dispõe-se acenadamente o sistema da democracia sindical, cujo controlo se define como «um direito e um dever» dos associados, nomeadamente no que respeita «à eleição e destituição dos seus dirigentes da base ao topo e à livre discussão de todas as questões sindicais»; previne-se contra os efeitos dissolventes que resultariam da constituição de «qualquer organismo autónomo dentro do Sindicato que possam falsear ou influenciar as regras normais da democracia e possam conduzir à divisão dos trabalhadores». No que respeita aos fins, num anúncio longo mas que não se pretende explicitamente exaustivo, o projecto aponta para a defesa dos interesses dos múltiplos interesses dos trabalhadores, numa base de classe.

## Direitos e deveres

— Seguidamente, o projecto trata dos direitos e deveres dos associados; a dispõe normas sobre a constituição, forma de designação, atribuições e funcionamento dos corpos gerentes; a assembleia geral, a direcção e o conselho fiscal.

Neste capítulo, consagra-se o princípio da liberdade de filiação, o direito de eleger e ser eleito, de participar na vida do sindicato e de beneficiar dos seus serviços e da sua acção. No que respeita aos deveres, a todos os associados se impõe o dever de pagar regular e integralmente o contributo de participar nas actividades sindicais, de agir solidariamente na defesa dos interesses colectivos, de cumprir e fazer cumprir as decisões tomadas democraticamente, de reforçar a acção e a organização sindical nos locais de trabalho, de elevar a sua consciência sindical e política, etc. Tudo normas que visam integrar os trabalhadores, profundamente, na vida da sua organização de classe.

No que respeita aos corpos gerentes do Sindicato, o projecto consagra normas de defesa do funcionamento democrático; estabelece o princípio da eleição de todos os seus órgãos dirigentes; consagra o direito de revocação, a todo o tempo, do mandato concedido; dispõe a solidariedade dos membros dos corpos gerentes nas decisões tomadas.

— Finalmente, o projecto consagra o princípio da eleição dos delegados sindicais dispõe brevemente sobre as suas funções, formas de organização e modo de funcionamento, deixando, sabidamente, para a prática da acção sindical e a iniciativa da direcção sindical ou dos trabalhadores apreciar a oportunidade de criação de comissões sindicais ou outros organismos intermédios, bem como a definição das suas atribuições.

— Finalmente, o projecto dispõe sobre disciplina interna da associação e sobre fundos.

As referências acima permitem avaliar como o projecto de estatuto distribuído pela Intersindical e que está a servir de apoio, em muitos sindicatos, contém as normas capazes de garantir o que é

...LÊ TODOS OS PROJECTOS, DISCUTE-OS NA EMPRESA E NA A.G. DO TEU SINDICATO...



essencial nas organizações de classe dos trabalhadores:

- liberdade de filiação
- independência
- funcionamento democrático
- unidade
- uma estratégia clara de defesa dos interesses dos trabalhadores.

Além disso, o projecto adequado, ainda, o que a lei dispõe. Em alguns casos, os trabalhadores têm vindo a introduzi-lhe, anfetante, úteis aperfeiçoamentos. É, nomeadamente, o caso de certas disposições que adiantam medidas de reestruturação sindical, de normas que regulamentam mais detalhadamente a forma de criação e funcionamento da Intersindical.

# LISBOA:

# URGENTE

# HOTELARIA: SECTOR EM CRISE

# A EXPROPRIAÇÃO

É do conhecimento geral a crise que nos últimos anos tem vindo a verificar-se no sector da hotelaria e turismo. Com o fim de apurarmos as suas causas, resolvemos, pois, ouvir os camaradas Cipriano de Oliveira, director da Federação Regional do Sul, Américo Nunes, director do Sindicato do Distrito de Lisboa e José Sargento, da comissão coordenadora dos delegados sindicais, que nos deram a conhecer os problemas com que se deparam os trabalhadores deste sector e as realizações planeadas, ou já efectuadas, com vista à sua solução.

Foi assim que o camarada Cipriano de Oliveira começou por nos expor a situação declarando: «A crise do turismo, antes do 25 de Abril, verificava-se, sobretudo, devido ao cariz elitista de que se revestia, coordenando a prestação de serviços do sector para a camada populacional constituída pela média e alta burguesia nacional e da Europa capitalista. Daí a criação e existência de certo tipo de serviços, que se colocavam acima do alcance das classes trabalhadoras e mesmo da pequena burguesia».

## CRISE ECONOMICA NO MUNDO CAPITALISTA

Quer isto dizer que o turismo, no período fascista era, pela própria natureza do sistema, negado às classes trabalhadoras, aquelas a quem, prioritariamente, devia ser dirigido.

Mas ouçamos o que nos diz, ainda, aquele camarada: «Depois do 25 de Abril, e devido às profundas alterações políticas que se verificaram, essa clientela burguesa e reaccionária da Europa capitalista, consistente do seu espírito de classe, deixou de vir, sobretudo por não lhe agradar o sistema político vigente. Outra causa muito importante — disse-nos ainda — foi a campanha difamatória, movida contra o nosso país, pela imprensa reaccionária da Europa occidental».

Nesta altura, o camarada Américo Nunes interveio para nos dizer que a crise de turismo em Portugal, embora agravada pela referida campanha difamatória, tem raízes mais profundas: «Há que considerar a grave crise económica que todo o mundo capitalista, hoje, atravessa, reflectida no aumento do custo de vida e

da, cada vez maior, taxa de desemprego». Disse-nos ainda «ser esta situação agravada com a crise energética, o aumento dos preços do petróleo imposto pelos países produtores e, em consequência, o incremento dos custos das viagens, acrescido, ainda, pelo menor poder de compra das pessoas».

## É NECESSARIO SANEAR A D. G. T.

Ainda referindo-se às causas gerais da crise, embora desta vez sendo focadas as causas internas, novamente Cipriano de Oliveira nos informou da ineficácia quase total da Direcção-Geral de Turismo, em primeiro lugar, porque o necessário saneamento não foi suficientemente profundo. Com efeito, afirmou: «Na Direcção-Geral de Turismo mantêm-se os mesmos indivíduos e estruturas que já existiam antes do 25 de Abril, quando esta Direcção era denominada de Secretaria de Estado de Informação e Turismo, no tempo de Marcelo Caetano, e de Secretaria Nacional de Informação, no tempo de Salazar».

Disse-nos, também, que, embora exista uma comissão pró-sindical, esta trabalha, quase exclusivamente, na reorganização do quadro de pessoal. Os trabalhadores, entretanto, desde Dezembro de 1974 que tem aprovado um projecto de proposta para a re-

conversão do turismo em Portugal. Este foi submetido à apreciação do Ministério do Planeamento Económico, reunindo a participação dos Sindicatos ligados ao ramo, da Direcção-Geral de Turismo, da Intersindical e da Secretaria de Estado de Turismo, e, finalmente, aprovado.

Entretanto, o plano de emergência para o sector interno, a curto e médio prazo, embora estivesse pronto a ser aplicado a partir de Janeiro deste ano, devido ao emperramento que sofreu na cúpula da D. G. T., só agora teve equibilibridade.

Actualmente formou-se mais um grupo de trabalho que se constituiu no GITUS (Grupo Intersindical para o Turismo Social), acerca do qual nos falou o camarada Américo Nunes: «O GITUS, como o próprio nome indica, é uma organização dos trabalhadores e para os trabalhadores, que beneficiará com a concessão de preços especiais àqueles que em grupo, ou através dos seus Sindicatos, pretendam gozar férias, nas unidades hoteleiras que são geridas pelos trabalhadores que já ou não pelo Estado e em todas as suas partes, e que são em número bastante e que são em número bastante apreciável».

Disse-nos, ainda, que o GITUS se encontra em pleno funcionamento na Rua Alexandre Gusmão, n.º 51-3.º Esq., em Lisboa. De momento procuram os tra-

balhadores daquele grupo entabular contactos a nível internacional, tendo, com este fim, seguido um grupo de trabalho para a Jugoslávia, Bulgária, Roménia e Hungria, onde estudarão os processos de técnica hoteleira e de turismo, aí utilizadas, de modo a que, com vista a estabelecer um turismo social português, neles se baseiem, para a criação de «outro organismo, diferente do existente, que faça a administração das unidades hoteleiras controladas pelo Estado ou geridas pelos trabalhadores».

Qualquer dos camaradas presentes concordou que os hotéis têm de estar ao serviço das classes trabalhadoras, pois que são elas que tudo produzem e a elas cabe o direito de retemperar as forças expandidas.

Neste sentido se empenham, embora reconhecem que este tipo de turismo social só terá real e representativa executabilidade no próximo ano.

## FERIAS SOCIAIS COM O GITUS

Nesta altura disse-nos Cipriano de Oliveira: «As possibilidades de êxito do GITUS são muito grandes, embora se tenha começado tarde. O GITUS terá, no entanto, um papel preponderante na reconversão do turismo antigo, elitista, para um turismo de economia socialista. Nas unidades hoteleiras de grande dimensionabilidade e mais modernas, podem balizar-se os preços ao nível do poder de compra dos trabalhadores, internamente e a nível internacional, desde que se planeie uma ocupação alta, ao longo de todo o ano».

Relativamente à escassez de clientela, no momento actual, Cipriano de Oliveira atribui responsabilidades à ineficácia da orientação que vinha a ser dada pela D. G. T., e não aos salários atribuídos pelo novo Contrato Colectivo de Trabalho: «Embora se reconheça que muitas unidades estejam sobrecarregadas de pessoal, devido ao planeamento baseado na mão-de-obra barata, resultando, daí, agudização da crise de liquidez financeira de certas empresas, esta tende a ser resolvida com a reconversão do pessoal e das unidades, sendo, para tal, necessária a criação de novos postos de trabalho. Até lá não se pode fazer pagar ao capital os erros cometidos no passado».

Finalmente, na opinião dos três camaradas, a questão da reconversão do turismo ficaria rapidamente resolvida com «a abolição, por expropriação, de toda a propriedade privada do sector, em Portugal, ficando a administração centralizada e planificada da economia, por sectores, eliminando-se a distinção entre empresas rentáveis e não rentáveis, com o consequente «endossamento» para a responsabilidade do Estado, por parte dos capitalistas, das não rentáveis, guardando, todavia, para si mesmos, os rentáveis. Nesse sentido, de ideias, o capital reaccionário a criar um sistema de Estado, falido. A administração do sector, centralizada e planificada, não obstante isso, pois que as rentáveis continuam a ser rentáveis, sabendo-se, de qualquer modo, que a indústria turística, em seu cómputo global, é rentável».

ALGARVE:

# O FIM DA VIDA DAS PATACAS

Alá há relativamente poucas anos (10,15 no máximo), o Algarve, com as suas características próprias, era uma provincia portuguesa como qualquer outra. Clima ameno, belas praias e, imagine-se, a vida até era barata.

Mas os tempos mudaram. Se hoje interrogarmos um compatriota algarvio sobre a sua terra, responder-nos-á: «Sabe, isto foi chão que deu uvas. Depois veio o «Turismo»...»

Pois é. O «Turismo» chegou ao Algarve e junto às belas praias surgiram uns blocos gigantescos de cimento armado. Hotéis, motéis, apartamentos, um mundo completamente novo. Com o «Turismo» apareceram os... turistas e o custo de vida começou a subir. O capital estrangeiro, interessado no «Turismo», também invadiu o Algarve.

Apesar de todo este desenvolvimento (...) turístico, são poucos os portugueses que se podem dar ao luxo de passar uma quantos dias de férias no Algarve. É que o tal «Turismo» está estruturado de forma a ganhar-se o máximo no mínimo de tempo. Durante dois ou três meses de Verão, os industriais de hotelaria tentam arrecadar para o ano inteiro. Daí a exorbitância dos preços praticados.

Mas chegou o 25 de Abril, e então, também neste caso, surgiu uma «crise» na indústria. Segundo o ponto de vista dos patrões, claro.

## TURISMO EM CRISE?

Sobre todo isto, vejamos o que começou por nos dizer Jaime Sousa, secretário da direcção do Sindicato dos Profissionais da In-

OUÇA A

«VOZ DO INATEL»

TODAS AS

SEGUNDAS-FEIRAS

AS 21 HORAS

NO RADIO

CLUBE PORTUGUES

NO INATELARIA:  
SECTOR  
EM CRISE

dústria Hoteleira do Distrito de Faro. «Crisis» propriamente dita, não existe. Existe é uma certa tática alarmista. É claro que, neste momento, deve haver muitas camas vagas, e porquê? É que, na sua maioria, os hotéis foram construídos com base em negócios mais ou menos escuros ligados à construção civil. Esses negócios ou já acabaram ou estão prestes a acabar. Por outro lado, e de um modo geral, os hotéis estão nas mãos de grandes empresas internacionais que, neste momento, desenvolvem diversas manobras. Antigamente faziam publicidade, lá fora, no sentido de chamar os turistas até nós. Após o 25 de Abril fazem justamente o contrário, tentam desviar as pessoas. Sabe, é que o Algarve, antigamente, era uma espécie de árvore das patacas que está agora a dar as últimas».

A imagem dada pelo amigo Jaime Sousa é bastante acurada. «Árvore das patacas» que durante muitos anos deu frutos a multidão de investidores oportunistas. Mas os trabalhadores estão empenhados em fazer com que a «árvore» dê frutos para todos os portugueses. Que fazer, então, para resolver os problemas que, por agora, se levantam? Eis algumas das sugestões apresentadas pelo nosso entrevistado: «Neste momento existem já bastantes hotéis a funcionar em regime de autogestão. Em principio tentaremos encaminhar as pessoas para esses hotéis. Por outro lado, existem aqui no Algarve 5 hotéis de 5 estrelas. Há que aproveitá-los e evitar que Sobra tudo isto, Jaime Sousa adianta-nos: «O número de trabalhadores da indústria hoteleira aqui no distrito deve ser de 8000, mais ou menos. Agora reparar: o sindicato foi criado em 1958. Até ao 25 de Abril o número de trabalhadores sindicalizados era de 1400, desde o 25 de Abril até agora aumentou para 3100. Há que ter em conta que muitos dos trabalhadores do nosso ramo foram recrutados no campo pelas entidades patronais. Acontece, então, que muitos deles não são profissionais e, portanto, não estão sindicalizados».

## O DESEMPREGO

Directamente relacionado com a tal «crise», surge o desemprego, que, por muitos, é visto com certo alarme. É evidente que, de uma forma ou de outra, o pa-



tronato tenta criar situações de descontentamento.

Mas vejamos o que nos declarou Jaime Sousa: «O desemprego constituiu sempre um grande problema. Entre os profissionais encarados existem poucos desempregados. O desemprego real, principalmente, sobre aqueles que trabalham apenas no Verão e que não estão sindicalizados. Aqui no Sindicato criámos um serviço de colocações e, neste momento, temos cerca de uma centena de pessoas inscritas. Ora, isto não é nada. Já houve muito mais gente desempregada, e mesmo o muito mais».

Jaime Sousa falou-nos em trabalhadores que não estão sindicalizados. É claro que se um trabalhador não estiver sindicalizado, muito mais facilmente será manobrado e despedido pelo patrão.

Não foi por acaso que o regime fascista sempre tentou afastar os trabalhadores dos seus organismos de classe, dos seus sindicatos. Daí que se registre ainda hoje (um ano e tal após o 25 de Abril) uma apatia quase total dos trabalhadores face aos seus sindicatos.

Sobre tudo isto, Jaime Sousa adianta-nos: «O número de trabalhadores da indústria hoteleira aqui no distrito deve ser de 8000, mais ou menos. Agora reparar: o sindicato foi criado em 1958. Até ao 25 de Abril o número de trabalhadores sindicalizados era de 1400, desde o 25 de Abril até agora aumentou para 3100. Há que ter em conta que muitos dos trabalhadores do nosso ramo foram recrutados no campo pelas entidades patronais. Acontece, então, que muitos deles não são profissionais e, portanto, não estão sindicalizados».

## O SINDICATO E OS SEUS PROBLEMAS

Apesar de tudo, os trabalhadores começaram a ter consciência de quanto o Sindicato os pode

ajudar. «É claro — prossegue o nosso interlocutor — que antigamente as pessoas não acreditavam nos sindicatos uma vez que estes não as defendiam. Mas a pouco e pouco, têm começado a interessar-se e vão aparecendo. Por outro lado, sentimos que os trabalhadores necessitam de ser esclarecidos sobre o que é o sindicalismo. Mas, está à ver, enquanto este dia a dia e trabalhar no Sindicato não podemos ir lá para fora, há uma grande falta de quadros. Também será honesto dizer que quando fomos eleitos não tínhamos o mínimo de preparação. Fomos, então, aprendendo, na prática, no dia a dia».

Mas outros problemas se levantam aos trabalhadores da indústria hoteleira. Jaime Sousa apontou-nos uma quantos: «Atévez 80 por cento dos trabalhadores da nossa classe ganham o ordenado mínimo nacional. Antigamente existia uma grande diferença salarial entre os trabalhadores da mesma empresa. Isso, como é evidente, só servia para dividir a classe.

De um modo geral, se o C. C. T. for cumprido e a indústria levar um empurrão, podemos dizer que não estamos muito mal. Apesar de tudo, os patrões tentam plorar as coisas, levantam bofatos. Dizem, por exemplo que o Sindicato é «vermelho». Então, tentam criar a divisão».

A terminar esta nossa conversa, o nosso entrevistado fez o seguinte apelo: «Faça um apelo a todos os profissionais no sentido de virem até nós. Quando o Sindicato lhes pede que assumam uma posição, é sempre para os beneficiar e nunca para os prejudicar. O Sindicato será tão operante quanto maior for o apelo que tivermos da classe».

Que assim seja. Tal como disse o amigo Jaime Sousa, a própria direcção aprendeu «na prática» no dia a dia. É isto mesmo que todos nós deveremos fazer.

# Contração colectiva

## PROFESSORES

Foram já fixados os vencimentos dos professores dos diversos ramos do ensino, segundo um decreto-lei agora publicado no "Diário do Governo". Este decreto-lei estipula ainda que o actual sistema de diuturnidades seja abolido "por se considerar inadequado", e, que as remunerações acessórias sejam progressivamente postas de parte. Assim, a promoção socio-económica far-se-á agora nos seguintes moldes: contagem para todos os efeitos legais, do serviço docente prestado no sector oficial, em qualquer grau ou ramo de ensino, eliminando-se deste modo algumas injustiças verificadas presentemente; incremento da formação dos docentes menos qualificados, designadamente através da criação de cursos a eles destinados.

## FERROVIARIOS

Os trabalhadores ferroviários dispõem de novo C.C.T. Deste modo, os aqueles trabalhadores conseguiram novas regalias sociais entre as quais se contam relativamente à actividade sindical determinase que «os trabalhadores e os sindicatos têm o direito a desenvolver a actividade sindical no interior da empresa, nomeadamente através dos delegados e das comissões sindicais, sendo vedado à empresa impedir ou dificultar o exercicio de tal actividade. Aos trabalhadores cabe o direito de se reunirem durante o periodo normal de trabalho até ao máximo de 18 horas por ano desde que convocados pelas direcções sindicais».

Outras regalias são ainda consignadas como: assistência médi-

ca permanente, a obrigação das empresas de manterem ao longo da linha locais que assegurem aos trabalhadores as condições para que lá possam passar os seus periodos de repouso, e de formarem infantários e jardins-escolas para os filhos dos trabalhadores. São também fixados o regime de admissão, especialização e promoção do pessoal o periodo de férias, horários, escalas de serviços, abonos de transportes, prestação de serviço de trabalho fora da empresa, etc.

No presente C.C.T. é ainda estabelecida uma nova tabela salarial.

## PROFISSIONAIS DE CINEMA

Os profissionais de cinema conseguiram finalmente que o seu C.C.T. vertical de âmbito nacional fosse assinado. Este C.C.T. foi celebrado entre 13 sindicatos do continente e ilhas e 4 associações patronais.

## BARBEIROS E CABELEIROS

Os trabalhadores que fazem parte do Sindicato dos Empregados Barbeiros e Offícios Correlativos do Sul passam a dispor de novas regalias sociais. As alterações agora introduzidas no C.C.T., probam os despedimentos sem justa causa, o descanso semanal fixado ao sábado à tarde em Lisboa, Setúbal e na área das cidades distritais; percentagens e subsídio de Natal de um mês a partir de 1975; férias remuneradas e a fixação de salários mínimos. Estas disposições têm efeitos retroactivos desde o dia 1 deste mês.

## MOTORISTAS DE SETUBAL

Os motoristas do distrito de Setúbal conseguiram a satisfação das suas reivindicações. Deste modo passam a dispor de novas regalias entre as quais se contam: a proibição de despedimentos sem justa causa; proibição de represálias ou castigos sem motivo justificado e ainda a disposição de que nenhum despedimento poderá ser feito sem que o sindicato seja avisado anteriormente.

Por outro lado foi também obtido um salário mensal de 6000\$00, com efeitos retroactivos a contar de 1 de Fevereiro e a fixação de um mínimo de 70\$00 ou valor superior mediante factura, por causa de refeição, jantar ou almoço.

O presente C.C.T. não poderá ser alterado até Setembro de 1975.

## TRABALHADORES DO COMERCIO DE LISBOA

Os trabalhadores reunidos em plenário no passado dia 23 proclamarão que se dá publicidade através da Imprensa, sobre

a redução de direitos adquiridos, que se está a praticar em prejuizo do ramo automóvel, transcendendo, na integra, rassa comunicada, os clausulas do C.T.T. e da Lei Geral do Trabalho, que não permitem esta redução».

Pretenham, deste modo, promover «a defesa intransigente dos interesses globais de todos os trabalhadores».

Por outro lado, foram aprovadas por maioria em reunião de delegados de 2 de Junho duas propostas e uma moção. Na primeira «propõem um voto de inteira confiança à direcção daquele sindicato; na segunda denunciam «manobras reacţionárias que visam afastar os trabalhadores dos objectivos da sua luta» e pretendem «medidas rápidas e eficientes tendentes à completa recuperação do sector» do ramo automóvel.

Apoiam «as medidas tomadas pela Comissão Directiva, tendo em vista a recuperação do ramo automóvel», na moção aprovada.

## TRABALHADORES DA SOREFAME

Reunidos em assembleia geral, os trabalhadores da Sorefame deliberaram o saneamento imediato de cinco individuos. Dois «por, desde há cerca de cinco e três anos, respectivamente, estarem com bexiga na Caixa, actuando fora da empresa outras prolições». Um outro por pertencer à comissão central de um partido reacçionario e fascista, Partido Trabalhista Português; e o quarto e quinto por terem tido relações com a ex-PIDE/DGS.

## BOLETINS SINDICAIS

### «A TÁREFA»

Na «Tarefa» — boletim informativo do Sindicato dos Trabalhadores de Calçado, Malas e Alfas do Distrito do Porto — do mês de Abril, poderá tomar conhecimento de as negociações para o C.C.T. destes camaradas estão a decorrer.

Por outro lado neste número é ainda referido, num artigo intitulado — «Nos na Inter-sindical» — a forma como decorreu o plenário da Inter dos dias 18 e 19, e no qual estes trabalhadores estiveram presentes.

Do artigo passamos a transcrever alguns passos: «Mas voltando à realização do plenário dos dias 18 e 19 afirmamos que desta vez saímos convictos de que os resultados curtos vão surgindo e que a certo prazo não será, um mito, a força dos trabalhadores. Realmente deu gosto assistir a variadas intervenções dos Delegados Sindicais Agrícolas de Beja, Évora, Santarém e Portalegre que

## TRABALHADORES DA JOAO FELIX DA SILVA CAPOELO

Reiterando o seu apelo ao Governo Provisório, MFA e Conselho da Revolução, os trabalhadores reunidos em plenário «têm o seu apelo na recuperação da empresa, denunciando a necessidade da sua reconversão com vista à batalha de recuperação, considerando esta «tarefa revolucionária ao serviço da colectividade», «na unidade e solidariedade da base», «no partido divisionismo ou quaisquer ingerências partidárias».

## TRABALHADORES DE ESPECTACULOS

Um grupo de trabalhadores de espectáculos deliberou formar o seu 1.º Comité de Defesa da Revolução, pretendendo: 1. Trabalhar activamente com a Comissão Dinamizadora do MFA. 2. Organizar sessões de dinamização e associativismo. 3. Organizar sessões de reflexão destinadas aos trabalhadores de espectáculos, aos amadores de teatro amador e sessões activistas. 4. Estabelecer contactos com os comités de moradores para realização de espaços livres de sessões de armamento. 5. Estabelecer contacto com os trabalhadores da Rádio e de Televisão a fim de coordenarem acções de carácter informativo e revolucionário. 6. Estabelecer contactos com todos os organismos de trabalhadores do País, no sentido de iniciar o mais brevemente possível a revolução cultural em colaboração com o MFA.

desenvolveram sobre a Reforma Agrária deixando-nos bem elucidados sobre o que é preciso fazer sobre esta importante ponto que se aprovou por unanimidade. Houve também valiosas intervenções sobre a politica salarial das quais citaremos o representante dos sapateiros de S. João da Madeira que correctamente apontou a necessidade de congelamento dos salários a partir de 12 mil escudos.

Incluem-se ainda artigos sobre as eleições do 25 de Abril, sobre a sabotagem dos C.C.T. pelo patronato, sobre as eleições nos Sindicatos, assunto que «os sindicalistas de todas as matizes» têm aproveitado dizendo «que é necessário haver «eleições nos Sindicatos» por voto secreto e não por branco no ar, etc.». Mais afirmam estes nossos camaradas: «Tais eleições são demagógicas e infundadas e pretendem, através do aproveitamento do valor dado pelos trabalhadores da Democracia, lançar poeira nos seus olhos levando-os a atacar as organizações sindicais e seus dirigentes».

Do Editorial passamos a transcrever: «(...) Vamos pôr cores e ponderar o apelo do nosso primitivo ministro, colaborando dentro do possível na batalha de recuperação, pois que a partir de agora poderemos ter a certeza de que a maioria dos trabalhadores, não será beneficiada de uma maioria de exploradores, mas antes pelo contrário, com o nosso avanço no sentido de a batalha de recuperação e a desenvolver, estão a ser criadas condições concretas de que a riqueza produzida com o trabalho do trabalhador de toda a sociedade em construção».

«Somos uma ilha rodeada de água por todas as partes, não podemos estar de costas viradas ao mar, temos que dar-lhe a frente, e avançar no mar, e criar essa consciência nos nossos jovens...»  
(Palavras de Fidel Castro em Agosto de 1963)

Cuba esteve de costas viradas ao mar durante muitos anos apesar da existência de mais de 5700 km de costa, como se afirma numa informação redigida em 1963 pelo economista de pesca do Programa de Assistência Técnica da F.A.O., doutor George C. Salmon, que já nas primeiras linhas do seu relatório nos dizia que em Cuba, «o estado dos recursos aquícolas era praticamente desconhecido em 1958...», portanto a um ano da Revolução triunfante de 1959 e da implantação do Estado Revolucionário, por Fidel Castro.

Era necessário transformar a pesca artesanal, acabar com os armadores e intermediários, que, explorando os pescadores, ajudavam a manter o governo ditatorial de Fulgencio Batista. Foi essa a tarefa a que se consagraram os revolucionários de Fidel Castro.

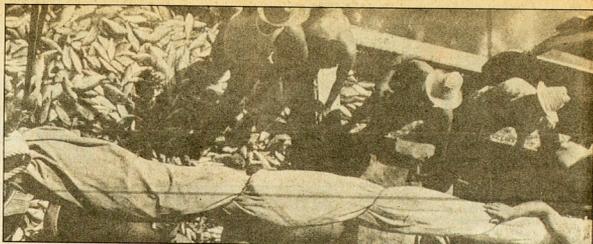
Era necessário também humanizar as condições de vida e de trabalho dos pescadores e das suas famílias.

Para tanto, criaram-se cooperativas pesqueiras, onde os trabalhadores recebiam os créditos necessários, os indispensáveis acessórios técnicos e inevitavelmente toda uma reeducação técnica nas recém-criadas escolas de pescadores.

Com esta dinamização cultural surgiu, pois, a erradicação do analfabetismo, e com ele, a dos armadores e intermediários, profisso, o tão desejado aumento produtivo da produção.

Enquanto em 1958 a produção nacional não atingiu mais do que 21 900 TM, já em 1965, os pescadores, agrupados nas suas cooperativas, atingiram a cifra de 32 641 TM de peixe e mariscos, tendo, assim o nível de vida dos trabalhadores do mar aumentado em 150%.

Mas era ainda necessário, para um flagrantemente desenvolvimento da actividade pesqueira, a reconversão das pequenas e velhas embarcações existentes, em novas unidades mais funcionais, adaptadas, portanto, as condições excelentes que o mar, por um lado, e o espírito revolucionário, por outro, ofereciam aos homens do mar.



## 16 ANOS DE REVOLUÇÃO TRANSFORMARAM A PESCA NUMA RIQUEZA NACIONAL

Erão poucos os estaleiros existentes, muitos a funcionar em condições deficientes e, alguns, em estado ruinoso como o estaleiro de Casablanca; a agravar esta situação, a existência de numerosas docas, ocupadas principalmente, ou quase exclusivamente, por embarcações de recreio, pertencentes à anárquica burguesia do período pré-revolucionário, aos quais, ainda, era dada preferência, a custo de reparações ou construções de novas unidades, nos estaleiros existentes.

Deste modo, a Revolução entrou decididamente, na senda do desenvolvimento da construção naval. Consequentemente, a tarefa imediata foi a de fabricar urgente de estaleiros navais, em todo o país, nos quais se deu início à construção de embarcações pesqueiras. Saram, assim, unidades dos estaleiros de Cienfuegos e Caibarién, na província de Las Villas; de Rio Almendares, em Havana; de Nueva y Santa Cruz del Sur, em Camaguey, de por Santiago e Gibara, em Oriente, e, finalmente, de La Colona, em Pinar del Rio.

### CONSTRUÇÃO DE BARCOS

Foi assim que, com esta dinâmica, e por fases se previu a construção, entre 1960-64, de 555 novas embarcações de madeira.

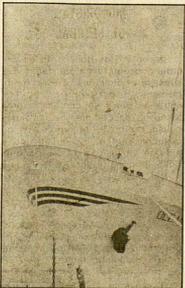
Os progressos técnicos e científicos, a própria dinâmica revolucionária e o espírito consciente e impulsionado dos trabalhadores, fizeram que se pensasse em fazer mais, maior e melhor, o que significava pensar em termos de barcos com casco de ferrocimento e de aço, já que era grande a escassez no país de madeira dura. Evolveu assim a importância e os custos que a economia nacional suportaria com a manutenção daquele tipo de embarcações.

Desta maneira, se conseguiu alcançar novo triunfo com a construção em série de barcos de casco de plástico, com fibra de vidro reforçada, tipo de constru-

ção este já utilizado nos cascos de ferrocimento e de aço.

Este processo permitiu aumentar várias vezes a capacidade de produção dos estaleiros e a produtividade dos trabalhadores e, naturalmente, pensar em novas fórmulas para o desenvolvimento desta, também, batalha da produção.

Para incorporar todo este surto de fabrico, havia que planificar o trabalho, pelo que se criaram, então, os Combinados Pesqueiros reconhecendo as unidades que, nessa altura operavam na plata-



forma continental, em embarcações de pesca de qualidade, dando o seu lugar aos novos barcos.

### A BATALHA DAS 100 MIL TONELADAS

Foi a partir deste momento que os trabalhadores se lançaram num desafio que espantou todo o mundo ligado aos assuntos piscatórios: atingir a meta das 100 000 TM de captura total, compreendendo a pesca nas águas costeiras e nos oceanos, o que foi con-

seguido, por excesso, em 1970, com 105 900 TM.

Vejam-se a seguinte análise estatística:

| Ano  | Capturas   | Pescadores | Produtividade |
|------|------------|------------|---------------|
| 1958 | 21 900 TM  | 13 000     | 1,68          |
| 1968 | 66 000 TM  | 13 300     | 4,96          |
| 1969 | 79 900 TM  | 13 600     | 5,92          |
| 1970 | 105 900 TM | 14 100     | 7,51          |
| 1971 | 126 100 TM | 13 800     | 9,14          |
| 1972 | 139 900 TM | 13 500     | 10,36         |
| 1973 | 150 283 TM | 14 400     | 10,70         |

Se compararmos a produtividade de 1968 por pescador, de 4,96 (1,68 TM), com 1972 (10,36), verifica-se que a mesma sextuplicou, como consequência de se manter quase estável o número de pescadores e de se incrementarem, progressivamente, os níveis de produção.

Era preciso agora, canalizar e industrializar toda a imensa quantidade de peixes e mariscos, arrojados ao mar pelos peixeiros, tratá-los, embalar-los e distribuí-los pelo país.

Para a construção do porto pesqueiro de Havana, que custou 39 milhões de pesos, e se tornou o maior do continente latino-americano, dragaram-se 330 000 metros cúbicos e resguardaram-se ao mar 12 000 metros quadrados de terreno, ficando, a ocupar uma área de 13,5 hectares, mas obteve-se, assim, o indispensável centro de tratamento industrial para a exploração pesqueira cubana.

A partir daqui e com a existência dos meios técnicos e humanos necessários tratou-se de distribuir, a nível nacional, toda esta riqueza.

### PEIXE PARA TODO O PAÍS

Antes da revolução de 1959, durante a etapa capitalista, a maior parte da pesca nacional destinava-se, quase exclusivamente, à capital. As populações do interior nunca tiveram, como hábito, comer peixe, já porque, como se disse, a grande maioria ia para a capital, e ainda porque, não havia grande capacidade de congelação. Além disso o poder de compra da população era demasiado baixo.

O Instituto Nacional de Pesca, para alterar este estado de coisas, traçou um plano, que compreendia a construção de redes frigoríficas e a aquisição de camões frigoríficos, com o fim de assegurar a distribuição, por todos os cantos do país, aumentando, deste modo, o consumo de peixe, «per capita». Outros frigoríficos fo-

(Continua na página 12)

# RIEZA REVOLUCIONÁRIA NO TRABALHADOR

«O exército dos trabalhadores portugueses tem de estar unido e coeso: não se pode separar. Não há exército nenhum que vá travar uma batalha, separada, a que a possa vencer. Tem de haver, pois, uma união entre os trabalhadores» — palavras do general Carlos Fabião, chefe do Estado-Maior do Exército e membro do Conselho da Revolução, proferidas no dia 10 de Junho, no decurso da visita, que, juntamente com o ministro do Trabalho, major Costa Martins, com o tenente-tenente Judas, do C. S. R., com os drs. Carlos Carvalhas e Barros Moura, do Ministério do Trabalho e com António Machado, do Secretariado da Inter, fez à fábrica Cometa. «O exército dos trabalhadores, que constitui a força com que vamos vencer a batalha da produção, tem de estar unido, coeso, firme e confiante nos seus chefes, ou então o inimigo cavará brechas entre nós, separa-nos e derrota-nos, bloco por bloco. Não podemos vencer a batalha da produção, a batalha económica, aquela que nos vai dar realmente o socialismo» — continuou o general Fabião.

Visitando esta empresa e ainda a Lusitálite, Habitat e P. (Barreiro), quiseram os membros do C. S. R. e do Governo Provisório demonstrar o seu apreço e dar o seu apoio aos trabalhadores, que, compreendendo o salto histórico produzido no nosso país, depois do 25 de Abril, do dia 2 de Setembro, do 11 de Março entenderam já que são um exército em luta. Os mesmos braços, que, durante 48 anos, serviram a casta de exploradores fascistas, servem agora a sociedade socialista em construção. Trabalhadores conscientes da hora que vivemos não são os que procuram ganhar cada vez mais, sem ter em consideração as circunstâncias graves da nossa economia, mas sim aqueles, que renunciando às vantagens irrealistas do presente, preparam as conquistas do futuro.

## DA APELO DO INTERSINDICAL

A Intersindical propôs aos trabalhadores portugueses que renunciassem ao direito ao feriado do dia 10, associando-se aos trabalhadores revolucionários de várias empresas, que, trabalhando nesse dia, estão a contribuir para a emancipação de todo o povo.

Muitos trabalhadores seguiram o apelo da Inter. Outros haviam já decidido prescindir do feriado e outros não puderam fazê-lo, quer por entraves impostos por patrões reaccionários, quer porque as suas condições são tão absolutas que nem sequer podem colaborar na batalha da produção.

A «batalha da produção» é um imperativo da revolução popular. Se quisermos construir



uma sociedade mais justa, onde a riqueza seja repartida pelos que a produzem, teremos de criar essa riqueza. Em Portugal produz-se pouco antes do 25 de Abril e tem-se produzido ainda menos depois dessa data. A situação é crítica. Para nos apercebermos disso, basta atentar nos seguintes números: a produção anual do nosso país divide-se pelo número de habitantes equivaie a 31 mil escudos (o que significa menos de 2700 escudos por mês e por pessoa). Na Alemanha Federal, produz-se o equivalente a 139 mil escudos; na Bélgica, a 116 mil; na França, a 122 mil; na Grécia, a 44 mil; na Espanha, a 43 mil. Sendo assim, por mais justa social que pretendamos implantar no nosso país, são muito escasas as possibilidades de melhorar as condições de vida do nosso povo. A manufatura das presentes condições de vida tem ficado a dever-se a importações maciças de bens que temos pago utilizando-as reservas do Banco de Portugal. Essas reservas não são um poço sem fundo. Em 1974 gastámos mais 16 milhões de contos do que recebemos e só nos primeiros quatro meses deste ano já gastámos mais 10 milhões de contos. Produzir mais e melhor, trabalhar mais e melhor — tem de ser este o lema revolucionário dos portugueses.

## OS TRABALHADORES DA COMETA

Os mil trabalhadores da Cometa (Companhia Metalúrgica Nacional) da Amadora tomaram em suas mãos o controlo absoluto da produção no dia 28 de Maio passado, depois da detenção dum dos administradores e do abandono de outro. Logo a seguir o horário da fábrica foi unificado por iniciativas dos traba-

## TRABALHADORES QUE ADERIRAM AO APELO DA INTERSINDICAL

Trabalhadores portugueses que aderiram à Jornada de Trabalho do dia 10 de Junho:

— Sociedade Industrial de Metalúrgicos — Trabalhadores aderiram, mas o patrão não deixou.

— Minas de Aljustrel — Mineiros aderiram a 100% ao apelo da Intersindical.

— Sindicato dos Bancários de Coimbra — Direcção sugeriu que todos os trabalhadores se apresentassem «nos locais de trabalho», não para trabalhar mas para tratar de «problemas sindicais e estudo de proposta para a reestruturação da banca».

— Termec — A Comissão Intersindical de Delegados apelar «para o conteúdo revolucionário da proposta de Intersindical», decidiram não trabalhar porque neste momento estão «a trabalhar para «stock» e consequentemente a laboração «só iria criar mais imobilização de mão de obra e material».

— Total — Em Assembleia Geral os trabalhadores decidiram manter as instalações abertas.

— Coposado — Deram a sua total aderência. — Sociedade Industrial do Bonfim — Trabalhadores aderiram decididamente ao apelo, que a remuneração desse dia revertesse a favor «da Criação dum Fundo de Assistência Social dentro da empresa».

— Centro do Livro Brasileiro — Aderiu à iniciativa da Intersindical.

— Falcima — Desleando colaborar na Batalha da Produção não o fizeram por se encontrarem com falta de trabalho.

— Habitat — Aderiu e recebeu a visita de membros do Governo.

— Lusitálite — Aderiu e recebeu a visita de membros do Governo.

— Cometa — Aderiu e recebeu a visita de membros do Governo.

— Oficinas Ferroviárias do Sul-Sueste do Barreiro — Aderiu e recebeu a visita de membros do Governo. Mais aderências ao apelo lançado pela Intersindical: as firmas de confeções Europa, Felix, Summaville Amorim, Quintas e Quintas, Nortica, Mark, Macondra, Firma Abel Alves Figueiredo de Santo Tirso, Metalomecânica Oliveira & Farelhinha do Porto, Sociedade de Construções Joaquim Francisco dos Santos Lda., Empresa Luso-Fármaco, Paulo Cocco, Aníbal H. Abrantes, Pinhol Gomes e Gomes, Elétrica Industrial Portuguesa, Cooperativa Agrícola da Vale do Santo, Companhia de Transportes Marítimos, Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Consórcio Construtor dos Parques de Abastecimento da Refinaria de Silves, Mompom, Construtora Moderna, Sindicato dos Bancários de Lisboa.

— Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacéutico — Convocou todos os seus associados a colaborar nesta batalha, propondo que o salário desse dia revertesse a favor de um fundo de compra de máquinas agrícolas, destinado aos que se encontram empenhados na reforma agrária.

— H. Parry & Son — Apesar de se encontrarem solidários com o apelo da Intersindical não aderiram à Jornada de Trabalho por se encontrarem sem trabalho neste momento.

Também os trabalhadores da CRGE não se quiseram dissociar deste dia de luta.

lhadores e fixado em 45 horas semanais. Além de se distinguirem na batalha da produção, es-

tes trabalhadores merecem os maiores aplausos pela acção que têm desenvolvido na constituição



Comissão da Indústria Metalomecânica. Passa a estrutura de controle do sector, que vai ser o breve investida de força real. Soldados conscientes do «exército dos trabalhadores» — da força com que vamos vencer a batalha da produção», os camaradas da Cometa, criaram ainda uma cooperativa, a Coopetna, que veio substituir a cantina anterior, «dádiva» do patronato.

#### FINANEAR OS PREGUIÇOSOS

«Temos de acabar com a burguesia» — disse aos trabalhadores da Cometa, o tenente Judas, do C. S. R., mas explicou que acabar com a burguesia como essa não é acabar com os burgueses. Referindo o exemplo da revolução mexicana, onde se procura recuperar os indivíduos, o tenente Judas falou do saneamento, dizendo:

«Deve ser saneado quem não trabalha. Assim, devem ser saneados os preguiçosos, os mandados, os malandros. Devem também ser saneados todos aqueles que, tendo estado ligados à grande burguesia, sendo, por assim dizer, os seus lacaios, e que hoje se mantêm nos seus postos de trabalho, não dão o seu esforço para a construção da nova sociedade. Precisam ainda de ser saneados todos aqueles que, nos seus locais de trabalho, procuram entivar o esforço e o mérito político dos trabalhadores; aqueles que procuram impedir que os trabalhadores façam as suas reivindicações e seus boletins informativos, que discutam os seus problemas.»

Segundo o primato-tenente Miguel Judas merecem ainda o saneamento «os divisionistas».

#### O VALOR DO SIMBOLO

«A decisão dos trabalhadores da Cometa de virem trabalhar neste dia de descanso, correndo ao apelo da intervenção, tem o valor de um sím-

bolo: o símbolo de que os trabalhadores querem tilhar um rumo certo para uma sociedade mais justa e mais humana, a sociedade socialista» — declarou, por sua vez, o ministro do Trabalho, major Costa Martins, acrescentando: «Aos trabalhadores portugueses e às suas organizações de classe, cabe um papel fundamental na superação desta crise. Para que os sacrifícios que agora fazemos tenham um sentido útil, é preciso realocar a organização das estruturas económicas e sociais. Está na ordem do dia a constituição de comissões de controlo da produção, que deverão consultar verdadeiros núcleos organizativos chamados a participar na planificação e no controlo da vida económica de todo o País. As comissões de controlo da produção deverão criar as condições para o desenvolvimento da iniciativa criadora dos trabalhadores. Se assim for, não há crise que possa resistir.»

#### NA LUSALITE

Os 700 trabalhadores da Lusalite trabalharam no dia 10, por decisão tomada em plenário, an-



tes mesmo de ser conhecido o apelo da intervenção. Esta empresa, do grupo Abecassis, fabrica material de cobertura e tubos para saneamento e águas. Os trabalhadores descontentam, por enquanto, as razões que levaram à suspensão das obras de construção de novas instalações — indispensáveis para que o funcionamento da fábrica correspondesse às suas necessidades — presentes — e nas quais se investiram já sete mil contos. Embora estes trabalhadores se encontrem em situação diferente dos da Cometa, entenderam por bem aumentar a produção, porque consideram que os produtos do seu fabrico são essenciais para a economia nacional.

Na verdade, das suas máquinas saem produtos de alta relevância para a construção civil. A Lusalite tem um papel importante a desempenhar nas tarefas que se apresentam agora ante o sector da construção civil: incentivar a produção, recorrendo o mais possível aos bens de fabrico nacional.

Esse propósito foi expresso perante os trabalhadores da Lusalite pelo engenheiro Eduardo Pereira, secretário de Estado do Urbanismo, que, no dia 10, visitou aquela empresa.

#### DIALOGO COM O MINISTRO

Na Habitat, empresa de construções, o dia 10 foi também um dia de trabalho. Mas não foi apenas isso. Foi também um dia de dialogo vivo e aberto e franco com o ministro do Equipamento Social e Ambiente, coronel José Augusto Fernandes, e outros membros do Governo que o acompanharam na visita àquela empresa.

Seiscentos trabalhadores vêm-se ao vivo com um situação crítica, que pode lançá-los no desemprego. Motivo suficiente para exporem as suas inquietudes ao ministro e para lhe apresentarem as suas reivindicações.

A empresa em questão é típica dos métodos fascistas, do pro-

gresso de fachada com que se camuflaram as chagas sociais deste país. Na verdade, enquanto milhares de famílias trabalhadoras viviam em bairros da lata ou casabres imundos pela provincia fora, empresas como a Habitat promoviam a construção de edificios sumptuosos para a grande burguesia. Agora... não há quem os compre.

Em face disso, propõem-se os trabalhadores da Habitat reverter o plano de urbanização e construir outro tipo de habitações, destinadas às classes desfavorecidas. Para isso haverá que se expropriar os terrenos ainda propriedade do patrão, Joaquim Feia Meschi.

Por outro lado, sugeriram que algumas obras (exemplo o imóvel denominado «Aparthotel») fossem utilizadas para os serviços públicos, nomeadamente, para o novo Instituto das Participações de Estado.

Ouvidas estas justas reclamações, o coronel Augusto Fernandes, solidário com a luta dos trabalhadores, prometeu que as propostas destes iam ser estudadas. O ministro anunciou ainda que iriam ser construídos 10 mil fogos, o que contribuirá não só para solucionar em parte o problema da habitação mas também para dar trabalho aos 60 mil desempregados da construção civil.

#### NO BARREIRO COM OS FERROVIARIOS

«Desenvolver as lutas reivindicativas como se não tivesse habido o 25 de Abril, o 28 de Setembro e o 11 de Março; ignorar as vitórias já alcançadas; ignorar as liberdades políticas e económicas; ignorar o significado das nacionalizações efectuadas; ignorar o significado da criação e consolidação de um poder revolucionário apoiado em que não se perca, seja por que via for, aquilo que se ganhou pelo empenhamento e luta do M. F. A. e de todos os trabalhadores portugueses; ignorar o processo de descolonização nas antigas colónias e simultaneamente o ganhar da nossa própria independência nacional; ignorar, enfim, que o poder da classe dos grandes burgueses latifundiários está desmantelado ou quase, ignorar tudo isto não nos permite ver claramente as nossas responsabilidades na condução da vida nacional, as nossas responsabilidades no desenvolvimento da revolução. Dos nossos anseios há que ponderar o que é justo e razoável e exigir hoje o que terá de ficar para amanhã» — declarou o ministro dos Transportes, engenheiro Velga de Oliveira, durante o almoço que lhe foi oferecido na cantina dos trabalhadores das oficinas da C.P. no Barreiro, onde o dia 10 foi uma jornada de trabalho revolucionário.

«As responsabilidades políticas dos trabalhadores aumentam dia-a-dia. Depois de dada a batalha da produção (temos de trabalhar hoje o que temos de comer amanhã), depende o controlo operário da economia e depende a vigilância revolucionária» — disse ainda o ministro.

Carca de 1500 operários trabalham naquela oficina, cuja importância estratégica — lembrou Velga de Oliveira — exige redobrada vigilância.

# CONTROLO OPERÁRIO DA PRODUÇÃO

# O SOCIALISMO PERDE-SE NO CAMPO ECONÓMICO

O tema do controlo da produção não é novo. Assume, no entanto, uma importância particular no momento actual, em que já foram dados passos decisivos no sentido de um total esmagamento da grande burguesia e dos latifundiários. Assim, a construção socialista da economia é hoje a tarefa fundamental dos trabalhadores portugueses.

Após o 25 de Abril, os entraves de toda a ordem postos pelos grandes capitalistas e latifundiários, conduziu a formas várias de controlo operário, ainda que hesitantes, e nalguns casos essas formas traduziram-se mesmo na gestão de empresas pelos trabalhadores, algumas das quais foram simplesmente abandonadas.

Existe portanto já uma ampla experiência acumulada, após um ano de revolução, experiência sobre a qual importa reflectir, para a traduzir em formas organizativas superiores, mais de acordo com a relação de forças no momento presente. Experiência adquirida na prática, no quotidiano da luta de classes, no dia-a-dia da exploração capitalista. Experiência a que se deve juntar uma reflexão sobre a própria história da prática do controlo da produção nos países em que foi encaçada, do contexto histórico em que se exerceu, para a análise dos sucessos a que conduziu, e igualmente pela observação cuidada dos erros em que se traduziu ao póla em prática.

## CONTROLO DA PRODUÇÃO: PORQUE?

O socialismo perde-se ou ganha no campo económico. A consciência desta verdade é tanto mais necessária quanto é grave a situação económica do nosso país. Esta situação resulta de análises distintas de razões, cuja análise ultrapassa os objectivos deste artigo. É consequência quer do modo de produção capitalista em si, que hoje se encontra em crise quase por todo o lado em que vigora, que pela forma de exploração da burguesia no nosso país; foram quase 50 anos de fascismo e de ultracapitalismo.

Situação económica que se traduz em múltiplos aspectos: dependência da economia portuguesa, particularmente da indústria, face a tecnologia e a mercados; atraso do sector agrícola, que explica as gigantescas importações de bens agrícolas de primeira necessidade; dependência face às importações de todo o género, economia artificial com os balões de oxigénio constituído pelas receitas do turismo e pelas remessas dos emigrantes, etc.

A estrutura da indústria é tal que mais de 90% das empresas têm ao seu serviço menos de 20 trabalhadores. Entre 1960 e 1973, num total de 100 mil empresas somente originaram, directamente, mais de metade do valor produzido. Existe assim uma enor-

me mancha de empresas de minúscula dimensão cujos problemas, face às dificuldades actuais, se situam ao nível da própria sobrevivência.

Perante esta situação compreende-se que não bastam simples reformas ao nível de uma «mais adequada» repartição de rendimentos, ou de diminuição do horário de trabalho para combater (?) o desemprego. É mesmo que todos os frutos do trabalho fossem equitativamente distribuídos [depois de «correr com os patrões»], não havendo sequer lugar à reprodução simples do sis-



tema económico, pois não havia investimento nem para repor os meios de produção desgastados, mesmo assim a capacidade do nosso país não chegava a 2.700.000, o que é inferior ao salário mínimo nacional.

Além do mais, tal raciocínio supõe que a irracionalidade das forças produtivas as condições materiais de produção para que não haja mais ricos e pobres, permitindo a libertação da humanidade do «teno da escassez», entrava essa libertação.

A tarefa do povo português é pois a de criar uma nova economia, reorganizando sectores em crise e exercendo ao mesmo tempo vigilância revolucionária a todos os níveis (o controlo da produção é o nível mais importante), para lançar as pedras de uma economia globalmente planificada. O fundamental é, como diz Lenine, «realizar uma estrutura social superior à do capitalismo, isto é, aumentar a produtividade do tra-

ho, e, em relação com isto (e para tal), organizar o trabalho de um modo superior».

## CONTROLO DA PRODUÇÃO: COMO?

Nesta perspectiva, o controlo da produção é uma pedra baso da criação de uma nova estrutura económica, que seja reflexo de uma estrutura social superior.

O controlo da produção passa pela fiscalização sobre a actuação do patronato nas empresas não nacionalizadas, pela luta contra todas as formas de sabotagem, pelo saneamento nas empresas, pelo recenseamento dos produtos acabados, matérias-primas, etc. nas empresas, pela abolição dos segredos comercial e industrial, pela necessidade do capitalismo responder perante o Estado

de de a cada passo fundir num todo a luta política com a luta económica. A separação entre os dois campos é não só artificial, pois as implicações técnicas no momento presente. Situar a luta apenas no campo económico, exasperando a luta reivindicativa e subvertendo as tarefas da construção socialista da economia, pode conduzir à travagem do processo revolucionário em curso. O fim da exploração do homem pelo homem ou passa pela conquista do poder político pelos trabalhadores, ou então não há libertação.

Pode-se objectar dizendo que, nacionalizar os sectores chave da actividade económica, exercer o controlo operário da produção reestruturar sectores em crise, ainda não é o socialismo. Os reacçãoários argumentam mesmo dizendo que as nacionalizações apenas permitem mudar de patrão; que de um patrão - «amarelo» ou «chato», «honesto» ou «corrupto», se passa para um patrão sem rosto... o Estado? O defunto jornal «Época», da época de ouro do salazarismo-marcelismo, bateu sempre na mesma tecla. O estranho é que hoje muitos jornalistas que dizem querer o socialismo utilize os mesmos argumentos, sem tirar nem pôr.

Minimizam assim medidas que se situam no interior de um processo revolucionário e lançam a confusão sobre o que é o socialismo.

Nacionalizar os sectores chave da actividade económica ainda não é o socialismo, mas este país, por essas medidas, pela colocação dos meios de produção, Exercer o controlo operário organizado da produção pelos trabalhadores ainda não é o socialismo, mas este país também por estas medidas. O controlo da produção revela-se, uma escola, onde os trabalhadores aprendem a gerir a economia. A resistência dos proprietários dos meios de produção mostra-lhes a cada passo a necessidade de o poder político passar para as mãos do povo trabalhador.

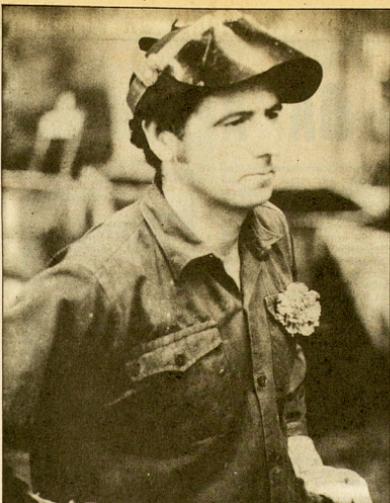
Exercendo-se numa fase de transição para o socialismo, prepara-se assim a gestão operária da economia à escala de todo o país. Os trabalhadores adquirem consciência das complexidades das tarefas de construção do socialismo, da resistência que a cada passo se levantam, e dos meios de as vencer e superar. Formam-se quadros operários, criando-se uma nova disciplina de trabalho nas empresas, preparando a nacionalização das empresas ora controladas e a mais logo a ser nacionalizadas democraticamente e globalmente, numa sociedade que não tem fronteiras, exploração do homem pelo homem.

## CONTROLO DA PRODUÇÃO: PARA O SOCIALISMO

O que o controlo da produção põe pois em causa é a necessida-

FERNANDO PIRES BOMARDO

## JOVENS DA COMETA NA



## LUTAR CONTRA O FASCISMO BATALHAR PELA REVOLUÇÃO

Quando se recorda o passado do movimento operário português, as batalhas travadas contra o fascismo (forma mais terrorista do capitalismo) não nos podemos esquecer de enquadrar os jovens na frente das lutas que objectivamente criaram as condições necessárias à intervenção das Forças Armadas em 25 de Abril e ao ulterior destróico do aparelho de Estado fascista até então vigente. Da mesma forma, ao falarmos das tradições de luta do povo português pela sua emancipação, somos levados a relacioná-las com as de cerca de 700 jovens da fábrica Cometa na Amadora, entre os quais 40 jovens, com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos. Resolvemos, pois, falar com dois deles, o Pires da secção fundição de latão e o Vitor, da secção de moldagem, num dia de voluntariado e naturalmente de luta, pelo aumento de produção em que já muitos trabalhadores estão amparados em participar para vencer.

Antes, porém, de abordar este assunto, queremos saber algo sobre as condições de trabalho dos jovens e das discriminações de ordem vária de que são vítimas.

— As condições em que trabalhamos são péssimas, pois que há não há nada que evite as poeiras e os fumos altamente tóxicos que saem constantemente dos fornos. Quanto à evolução que sofreram nas condições de laboração de antes do 25 de Abril para depois desta data, elas são notórias, se vivermos em conta a forte repressão exercida sobre o jovem e materializada em ameaças e castigos, que podiam ir até a suspensão, consoante o critério do dirigente da secção, quando aquele chegava à fábrica uns minutos depois da hora. Actualmente eles não utilizam tais processos, mas se fomos apanhados a falar com os colegas da secção, logo vem o mestre reprimir-nos. Há ainda a lembrar o facto de os jovens, a dos 18 anos, serem considerados adultos para trabalhar por turnos, mas enquanto o fuso salarial não correspondesse à esse trabalho e a estes os minutos que fazemos, dispensamos bem esse título.

Relativamente ao ensino profissional dentro da empresa, dissemos o Pires:

— Existe apenas uma escola de aprendizagem, que dela só tem o nome, onde o aprendiz que trabalha, por hipótese com o carpinteiro de moldes, é retido durante 2 ou 3 anos a fazer um curso de electricidade, sem que no final lhe seja dada a oportunidade de emprego em prática aquilo que ele aprendeu nesse curso.

Em relação à necessidade de o trabalhador estudante usufruir de duas horas diárias pagas para estudar, dissemos:

— A maioria dos trabalhadores que estudam, quase todos jovens, está cediço eu, convencida de que, ao pedir essas horas, não sabe até que ponto poderá avançar com esse reivindicado, já que as condições da empresa não nos são muito favoráveis e quando todos os trabalhadores estão interessados em aumentar a produção da empresa.

### SABOTAGEM ECONÓMICA

Havendo a necessidade de contenção no momento desta reivindicação, dada a débil estrutura económica da empresa, consideramos então saber com se havia desenvolvido a sabotagem económica levada a cabo pela Administração logo após o 25 de Abril.

— Tudo se desenrolou quando os trabalhadores da Sepsa do ramo da metalurgia pesada operaram a efectuação de transacções fortuitas entre a Sepsa, onde o administrador era Alberto Alves Cometa, nas mais precisamente tratou-se da sonegação de 1500 metros dos cortes daquela empresa do Porto.

A Cometa — Companhia Metalúrgica Nacional é uma empresa cuja exploração pertence a administradores portugueses, mas que funciona, como todas as empresas

é certo, as reivindicações salariais e de ordem social feitas pelos trabalhadores. Estou a lembrar-me, por exemplo, da primeira greve feita em Janeiro de 69, que nas primeiras fileiras de luta, contou com os jovens trabalhadores. Em Janeiro de 1974, houve outra greve, onde o papel dos jovens foi decisivo para imprimir a firmeza revolucionária necessária nessas ocasiões, para alcançar os objectivos de luta que nos moviam, inclusivamente através dos trabalhadores os que se deslocavam pelas secções onde os operários persistiam na fabração, desafiando os estes e ganhando-os para a luta. Essas lutas — continuou o Vitor — resultaram sempre em grandes vitórias, ainda que muitas vezes não alcançásemos os aumentos salariais, em princípio exigidos.

### DIVISIONISMO

Ainda referindo-se a essa data e à força dos trabalhadores que ficaram na "parada" à hora de almoço dispostos a não recomeçarem o trabalho, caso a Administração não respondesse positivamente às suas reivindicações, focou-nos mais um aspecto da discriminação divisionista exercida pelo patrão sobre a juventude.

— Aconteceu que quando se recomeçou a trabalhar após essa greve e só pelo facto de alguns dos operários não se terem recomeçado a trabalhar, a Administração aproveitou para descontar 14 de hora no salário mínimo e aos restantes camaradas jovens, tendo os outros saído ilhados da luta.

Esta mais uma das formas utilizadas pelo fascismo para gerar a divisão entre os trabalhadores, através de iníquas desigualdades e situações de injustiça, que fomentava desilusões, tentantes, não só lançar as culpas da divisão que daí resultava para os trabalhadores mas também a desviá-los do seu inimigo principal, empurrando-os para lutas entre si, para a desconfiança e o rançar com outros camaradas.

Falamos depois dos esforços intensificados pelos jovens após o 25 de Abril face a uma situação pré-democrática que abriu promissoras perspectivas para a sua organização dentro da empresa.

— Uma das reivindicações e que terá de assentar a curto prazo é a da integração do jovem dentro das estruturas que vivem pelos interesses dos trabalhadores no global, tendo já em vista a Comissão de Trabalhadores pois que ela tem dificuldades em compreender certos problemas específicos dos jovens trabalhadores, por esse proveito disso, basta lembrar que a Comissão ainda não apresentou à Administração um caderno reivindicatório referente aos jovens, por esse elaborado. Importa dizer que faremos pressão para que se verifique a inclusão de um jovem na Comissão de Trabalhadores, o que, apesar de os jovens operários da Cometa não estarem ainda a participar activamente na vida sindical, se tem procedido à sua sindicalização, através dos delegados sindicais e outros trabalhadores mais activos, podendo desde já, o jovem — e segundo o C.C.T. dos Trabalhadores Metalúrgicos Nacional — começar a tirar da idade dos 14 anos ficando isento de quotização até aos 18 anos, tendo acesso a qualquer grupo de trabalho, exceptuando o de Direcção.

# CONTROLO DA APLICAÇÃO DA LEI

A empresa ou organiza-ção não poderá designar ninguém, ou com sem aviso, nem modificar as condições do contrato de trabalho — assinado por tempo ilimitado — com operários ou empregados, membros de comissões de conciliação ou activistas sindicais, incluídos numa relação fornecida pelos sindicatos e até seis meses depois de serem libertados desses cargos, salvo no caso de se chegar a acordo com a direcção central do respectivo sindicato.

Importante lugar no cumprimento do controlo de aplicação das leis de trabalho é ocupado pelas inspecções da protecção do trabalho, estabelecidas junto de todos os conselhos distritais ou urbanos dos sindicatos. Os inspectores de protecção do trabalho são funcionários que trabalham sob a direcção da comissão do conselho respectivo dos sindicatos.

Trata-se de órgãos sindicais que cumprem funções de controlo estatal e gozam de amplas fa-

culdades. A sua importante tarefa consiste em tomar oportunamente as medidas necessárias para prevenir as infracções da legislação socialista na esfera das relações de trabalho, descobrir a tempo as infracções e eliminá-las rapidamente por imediatamente termo as acções legais, chamar à pe-ra os que violam a legislação de trabalho. Para isso, dispõem de meios jurídicos eficazes, como sejam as autorizações prévias, as prescrições judicilmente obrigatórias, o levantamento de actas aos funcionários culpados, etc.

De grande importância são os direitos dos órgãos e organizações sindicais para porem em marcha o processo de pedir responsabilidades aos culpados que pertencem à administração por haver sido violada a lei do trabalho. Quanto às infracções a essa lei, o Estado autoriza os sindicatos a aplicarem sanções jurídicas, além das medidas de influenciar a opinião pública.

As infracções à lei do trabalho por parte de funcionários da administração podem ser também castigadas com a demissão, a pedido da respectiva direcção sindical.

As amplas prerrogativas dos sindicatos para a participação na discussão dos litígios de carácter laboral constituem também um



Lugar para descanso para os trabalhadores rurais no sanatório de saúde na cidade de Vélíngard.

Agência - Sofia-press-

dos meios importantes para a protecção dos direitos ou interesses legais dos trabalhadores.

## CONTROLO SOCIAL

A fim de manter o estrito cumprimento da legislação do trabalho, os sindicatos realizam tam-

bém um controlo social, utilizando meios persuasivos, por exemplo, com acções imediatas com a administração, críticas de funcionários que tenham cometido violações, obrigando-o a responder perante o colectivo, etc.

O controlo social efectua-se com uma ampla participação de operários e empregados por meio das comissões de protecção do trabalho, inspectores de trabalho, conselhos e comissões nos seguros sociais, etc.

Amos os métodos do controlo (estatal e social) dos sindicatos no domínio da protecção do trabalho estão relacionados e completam-se mutuamente, o que aumenta a eficiência do controlo. Também foram ampliados os direitos dos sindicatos na resolução de diversos problemas, relacionados com os serviços públicos para os trabalhadores e é maior a sua participação na resolução de problemas de carácter social, importância para a elevação do nível de vida do povo. Por exemplo há comissões de protecção na justa solução dos problemas de habitação, na maior satisfação das necessidades comunais dos trabalhadores. Também se prevê que a planificação dos limites e créditos para a construção de habitações, edifícios comunais, hospitais, etc., seja feita pelo Comité Estatal de Planificação, e a sua distribuição por entidades e conselhos distritais efectua-se daqui em diante, com a participação dos respectivos comités centrais e conselhos distritais dos sindicatos.

A mudança de nível dos preços dos artigos de uso corrente, dos serviços comunais e sociais, das tarifas de transporta e dos alugueres deve efectuar-se, coordenando-se também com os respectivos órgãos dos sindicatos.

Os sindicatos participam activamente na elaboração e adopção dos planos concretos, expressões da iniciativa dos órgãos dos trabalhadores. Estes planos concretos oferecem um carácter completo. Incluem-se neles não só todos os índices técnico-económicos e as medidas para a sua realização, mas também o plano para o desenvolvimento social da colectividade laboral. Os sindicatos cooperam activamente no aperfeiçoamento das relações da colectividade laboral, no asseguramento de todas as condições de vida, cultura, e psicológicas mais favoráveis para o seu desenvolvimento multifacetado, na criação dum ambiente de autêntica amizade e camaradagem, na educação do homem criador do homem com uma moral nova. Os sindicatos cooperam outros aspectos da actividade de protecção dos direitos laborais e sociais da cidadania e também no condicionando e perfeito cumprimento das obrigações legais cooperando em definitivo desde forma para a elevação do nível de vida do povo.

## UMA ARMA ESSENCIAL DOS TRABALHADORES

(Continuação de página 3)

legações, as que decidem desde logo não só a filiação na Inter-sindical e na União mas também na federação do respectivo sector, as que institucionalizam as reuniões de delegados e outras estruturas que, principalmente após o 25 de Abril, muito justamente ganharam cidadania no sindicato.

### As leis são necessárias

Ouve dizer-se, muitas vezes, que os trabalhadores não precisam de leis ou de regulamentos para se organizarem. Não é exactamente verdade. Os trabalhadores não precisam de estar, ou melhor, não podem estar à espera de leis ou de regulamentos para se organizarem. Mas, nada recorda que os trabalhadores não traziam as normas decididas democraticamente a forma de organização e funcionamento das suas associações livremente constituídas. Pelo contrário. Tais normas, decididas democraticamente, e traduzindo a estrutura democrática das organizações, são um valioso instrumento de trabalho. Ajudam a manter um funcionamento organizado. Obrigam a lembrar responsabilidades, a recordar direitos e deveres. O que é preciso, é que tais normas não se transformem nunca no que não são: gírlhetas em vez de ferramentas.

O projecto preparado pela Inter-sindical Nacional evita esse pre-

...NO DIA 5 DE JULHO  
ELES TÊM QUE ESTAR  
ENTREGUES NO MI-  
NISTÉRIO DO TRABALHO,  
JÁ APROVADOS.



juizo. A regulamentação não é ambigua, não tem dois sentidos, é clara; mas, ao mesmo tempo, é suficientemente geral para que possa coadunar-se com as particularidades dos sectores ou com as contingências situacionais históricas. O que num estatuto, como é fundamental numa organização é uma virtude.

A lei é relativamente exigente quanto às assembleias de aprovação dos estatutos. A presença de 10% dos trabalhadores sindicais ou de, pelo menos, 2000, garante amplas assembleias, cuja

direcção poderia parecer, «a priori», difícil. Muitos artigos a discutir, muitas soluções alternativas, muitas propostas... Os trabalhadores saberão ultrapassar tais problemas. Discutindo com tempo nas reuniões de delegados sindicais, nos plênários de empresa, nas comissões sindicais e nas comissões de trabalhadores, distinguindo o que é essencial e o que é acessório num estatuto, não caindo no vício de regulamentar apertadamente o que deve estar sempre vivo como a vida, os trabalhadores portugueses terão desta fase «legista» do seu movimento sindical mais um trampolim para a sua libertação. Com justa razão, em muitos casos, os trabalhadores terão da sua assembleia de aprovação de estatutos uma jornada de festa. A independência, a legitimidade, a democraticidade das suas organizações sindicais não serão uma aquisição dessas assembleias; são, já, uma conquista obtida através dos tempos com sangue, suor e lágrimas! São o resultado natural do exercício da liberdade sindical por que os trabalhadores portugueses lutaram sob o fascismo e após o 25 de Abril, que defenderão sempre, como uma arma poderosa na liquidação da exploração capitalista, como uma poderosa alavanca na construção duma autêntica sociedade socialista!

Avellino Gonçalves



## A INTER NA F. L.

«Unidade, unidade, unidade/Do trabalho contra o capital/Camaradas lutemos unidos/Porque é nossa a vitória final» palavras do hino da Interindustrial que se fazem ouvir na 16.ª Feira Internacional de Lisboa, através dos altifalantes montados no nosso pavilhão.

Pois é verdade. Este ano também a Interindustrial Nacional tem o seu pavilhão na F.I.L. Tem o telhado até ao próximo dia 22, data do encerramento da feira. Portanto, já sabem, camaradas, no próximo dia de folga já têm programa. Além de estarem expostas algumas das ofertas feitas por centrais sindicais estrangeiras à Interindustrial, lá está a «Alavancaposters» e material diverso que vos será oferecido.

Mas há mais, mesmo muito mais para ver. Além do mais

diverso material exposto, é-nos dada uma panorâmica das potencialidades técnicas de todo o Mundo. Estando presentes 17 países estrangeiros, é de salientar a participação, pela primeira vez, de um grande número de países socialistas, nomeadamente, a Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Jugoslávia, Polónia, República Democrática Alemã, Roménia e U.R.S.S.

Também a indústria portuguesa não se patente através de algumas dezenas de pavilhões.

Em suma: quem visitar a F.I.L. não perderá o seu tempo e já sabem, não se esqueçam de dar uma saída ao nosso pavilhão, decorado pelos camaradas António Sousa e António

## CUBA: 16 ANOS DE REVOLUÇÃO

(Continuação de página 7)

ram construídos, no entanto, como os de Santiago de Cuba (terminado em 1972) e outros menores, em Bayamo Holguin, Guanantama e Puerto Padre.

Já em 1971 se incorporaram as câmaras frigoríficas, no Plano Montanha, para melhorar as entregas de peixe nos locais mais recônditos do país, sobretudo, como o próprio nome do plano indica, nas zonas montanhosas de difícil acesso.

### CENTROS DE INVESTIGAÇÃO

Paralelamente, foram criados centros de investigação científica, que se destinaram a conhecer e localizar as riquezas guardadas nas profundezas dos mares de Cuba, bem como, a estudar os meios de os repositar. Criaram-se também Escolas Superiores de Pesca, onde os alunos se especializam em pilotos de altura, maquinistas navais e electrorrádio-navegantes, etc.

A União Soviética, que já havia prestado a sua valiosa colaboração em outros empreendimentos, como a construção do porto pesqueiro de Havana, desta feita, recata e prepara, anualmente, dezenas de jovens que pretendem ser engenheiros navais, pilotos e maquinistas.

Estes e outros jovens graduados em níveis universitários, técnicos, médicos e operários qualificados, estão já a dar a sua contribuição à indústria pesqueira cubana.

Resolvido o problema da distribuição interna, preparou-se, então, a preparação que, a data da revolução, era precária e dependia, em 95%, das ofertas dos E.U.A., com as consequências (e previsi-

## DE REVOLUÇÃO

veis) perdas de valores, já que a taxa eventual de exportação era feita pelos capitalistas cubanos pelos comerciantes imperialistas americanos.

Com a revolução, foi estabelecido o bloco económico e político movido contra o povo e a economia cubana, pelos ianques, a quem o exemplo revolucionário de Cuba não agradava nada.

### A EXPORTADORA DE CARIBE

O ano de 1967 marcou o ponto de partida na nova etapa que constituiu o comércio externo. Com a criação da Exportadora de Caribe, procuraram-se novos mercados onde colocar os produtos, as melhorias nas técnicas de captura e conservação, a selecção, confecção e apresentação como produto terminado e, por fim, o prestígio alcançado pela Exportadora de Caribe, no cumprimento dos seus contratos.

Amortizaram-se, assim, em Dezembro de 1972, 100 milhões de dólares, dos 141 milhões transformados em créditos a médio e longo prazo, nas compras de barcos, frigoríficos, fábricas de farinha de peixe, etc., para o desenvolvimento da indústria pesqueira cubana.

Não mais Cuba de costas voltadas ao mar.

Depois de 15 anos de duro trabalho para tirar o país do subdesenvolvimento, os trabalhadores do mar e terra do Instituto Nacional da Pesca demonstraram ser capazes de cumprir qualquer tarefa que a revolução lhes exigia, sempre com a firme decisão de desenvolver uma indústria à altura das necessidades da pátria, no seio de uma sociedade justa, cuja finalidade é a realização plena do homem.



## EMIGRANTE HUMBERTO

Há um sujeito chamado Alexandre Soljenitsyne, russo, escritor, não sei quantos anos de idade, mas sabe-se que abandonou a União Soviética e veio ganhar a vida para a Europa Ocidental — atitude que tem sido e continua a ser muito gloriosa na Europa de cá, por quantos se empenharam em aproveitar o ensino para dele tirarem as conclusões que lhes dava veio.

... Ora bem, vem a propósito do Humberto Coelho e do Octávio de mais uns quantos futebolistas portugueses, que estão de malas aviadas para deixar o futebol português ou já partiram mesmo de Portugal, atraídos por outras terras, ou, mais propriamente, por outros futebolis que podem continuar a pagar-lhes na mesma bota alta a que se habituaram entre nós, no tempo das vacas gordas.

Não se lhes leva a mão à descação. Nem de uma deserção se trata. Cada um trata da sua vida. Afinal, são mais uns quantos emigrantes que partem e até de algum modo a sua saída pode trazer a vantagem de corresponder a uma saída de divisas. Não, na verdade, ser muito bem pagos, em especial Humberto Coelho, que também permitiu ao Benfica minorar, em boa parte, o seu passivo, com a grossa maquia de francos que o Paris-Saint Germain teve de desembolsar.

De qualquer modo, o caso, de Soljenitsyne tem os seus pontos de contacto. Trata-se também de um homem que tem uma mercadoria para vender e como, na sua própria terra, não pode fazer com essa mercadoria o negócio que tem em mira, é levado pela sua humana ambição a procurar outros compradores.

Se puder ser em dólares, não faz o tanto melhor. Pode ser humano.

Mas não é patriótico. Não é patriótico, conciliar essas duas condições. Não é patriótico, para mais, num país socialista, como a União Soviética, onde se pretende que cada cidadão ponha os seus méritos ao serviço da comunidade e não que deles faça um uso pessoal. Que deles, tire um proveito egoísta que pode até assumir proporções de escândalo.

Soljenitsyne «escolheu a liberdade» de ignorar os interesses nacionais, de desprezar os seus cidadãos e até de criar a seu respeito uma imagem desastrosável no exterior.

Todas essas liberdades lhe foram negadas e não lhe ficaram. Ao Humberto também, mas é evidente que o caso do futebolista é bem menos grave. Servimo-nos

do seu caso apenas para estabelecer este paralelo que não pode ser levado às suas últimas consequências, se bem que se possa pensar que o jogador também vai fazer muita falta ao futebol português. Ele era justamente considerado o melhor futebolista português da actualidade e, sem ele, o nosso futebol, o Benfica, o Campeonato tudo isso fica consideravelmente afectado, mas também é verdade que ninguém tinha o direito de o impedir de



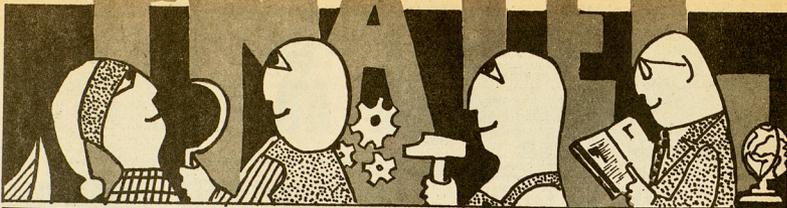
ir ganhar o seu para França... ou para a Conchinha.

Diz-se até que ele terá salvaguardado o seu direito de ser chamado à equipa nacional, sempre que o seu concurso for julgado necessário, mas bem se sabe, como na prática, essa condição toma aspectos irreais e, na verdade, nem será justo que, pagando-lhe assim principescamente o seu novo clube, tenha de o dispensar de cada vez que a selecção de Portugal vá jogar à Gólia, por exemplo, ou ao Chipre. Humberto é até um moco aliado, de origem humilde, um cidadão informado e bem formado e, por isso mesmo, ele não querê melior dos proveitos num sacco. Não querê ser também herói. A sua decisão é respeitável, a sua partida é compreensível e, na verdade, não se pode dizer que seja brilhante. O próprio Humberto (e o mesmo se diga de Octávio ou de qualquer outro jogador nosso que esteja ou venha a estar em situação igual ou semelhante) não deixará que o seu caso seja aproveitado para denegar a qualquer modo, a imagem que se faz de Portugal e dos portugueses, na hora que passa.

Ninguém lhe leva a mal que parta.

Todos lhe desejamos as maiores facilidades e os maiores francos.

... Na certeza de que ninguém muito menos o próprio Humberto explorará o seu caso, guardadas as devidas proporções, como se fosse um caso novo-Soljenitsyne — do pontapé — a bola-futebale-clube.



## Programação Cultural

DANÇAS E CANTARES



Dia 20 — No Cine-Teatro da Guarda o Grupo Folclórico Jugoslavo;

Dia 20 — Na CUF (Barreiro) Grupo Folclórico da Fábrica SKODA (Checoslováquia);

Dia 21 — Em Viseu, no Rossio, o Grupo Folclórico Jugoslavo;

Dia 21 — Em Setúbal, Grupo Folclórico da Fábrica SKODA (Checoslováquia);

Dia 22 — Em Almada, na Incrível Almadaense, o Grupo Folclórico da Fábrica SKODA (Checoslováquia);

Dia 23 — Nos Estaleiros da LISNAVE, o Grupo Folclórico Jugoslavo.

TEATRO DA TRINDADE

— Julho —

OPERA

Dias 7, 9, 11 e 14 — «A Flauta Mágica» de Mozart.

TEATRO

Dias 17, 18, 19 e 20 (à noite) e dias 19 e 20 (à tarde) — Companhia de Teatro «OS BONECREIOS».

Dia 24 — O Grupo de Teatro dos Trabalhadores do Banco de Fomento apresenta a peça «CONSTRUTORES DE IMPÉRIOS» de Boris Vian.



Na sequência da tomada de contactos do INATEL com os trabalhadores, destacaram-se no passado dia 6, a empresa SOPREM, em Lisboa, dois elementos do Gabinete de Divulgação que realizaram com a Comissão da Casa do Pessoal desta empresa um reunião de trabalho em que foram expostos os objectivos do INATEL e as possibilidades de colaboração entre o nosso organismo e os trabalhadores daquela empresa. Na foto: um aspecto da reunião

# PRIMEIRO CURSO DE MONITORES DESPORTIVOS DO INATEL

DINAMIZAR O DESPORTO PARA TRABALHADORES

«Têm-se integrado numa plena equipa de trabalho, numa comunidade de ideias que alina por um lugar comum, que é o de dinamizar o desporto num Portugal novo, dinamizar o desporto dos trabalhadores e contribuir para que esse desporto tenha uma situação de maior relevância actualidade. Nós, que estamos a dar o curso, temos aprendido bastante com eles. O curso tem, também, sido muito proveitoso no aspecto desportivo, no aspecto teórico, no aspecto prático, nos aspectos dos

conhecimentos, dos ensinamentos, etc. Não há dúvida nenhuma, é que para nós esta experiência foi extraordinariamente proveitosa.

INTERESSA DINAMIZAR — NÃO PARAR

«Só espero que o INATEL consiga a colocação destas pessoas que estão aqui a trabalhar, como dinamizadores ou monitores desportivos, não só na própria região onde vivem, mas também nas suas zonas de acção, através de novos cursos, que poderão dar, com o nosso apoio e com o apoio do INATEL.»

Realizou-se de 15 a 30 do mês passado, no Centro de Férias do INATEL, na Costa de Caparica, o 1.º Curso de Monitores Desportivos, no qual participaram delegados dos trabalhadores de todos os distritos do País, com excepção dos distritos de Aveiro, Leiria, Viseu e Guarda.

A intenção e finalidade deste curso foi a de formação de dinamizadores desportivos para os Centros de Férias e Parques de Campismo, prevendo-se, também, a sua integração nos vários distritos.

Teve-se, fundamentalmente, em conta o importantíssimo problema da reestruturação do desporto para trabalhadores e a formação de porta-vozes de uma nova mentalidade desportiva.

Transcrevemos algumas declarações de um dos orientadores deste curso, um homem há muito tempo ligado ao desporto, ao voleibol, o professor Fernando Monteiro:

— Que pensa deste curso?

«Este curso foi francamente positivo em todos os aspectos, não só no aspecto desportivo como até no das relações humanas. Nós tivemos ocasião de analisar todas as dificuldades que se inserem num trabalho em profundidade, ao nível desportivo, que se pretende inculcar neste novo Portugal. Os próprios instrutores honesta, ídica e claramente, têm-nos posto ao corrente das diversas dificuldades que vão encontrando, e tem, por outro lado, procurado discutir, dentro de uma abertura completa e total, todos esses problemas.»

## POEMA

DE: um trabalhador presente  
PARA: um trabalhador ausente

Queria encontrar-te ao meu lado e não te vi!  
Esperei em vão que aparecesses... e nada!  
Em princípio revolta-me. Depois... quase chorei por não te ver!  
Perguntei-me se a minha luta não era a tua, e concluí que aquilo que sucedeu é que não compreendeste porque vim.

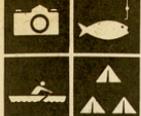
Vim para apagar o dia em que eram dadas condecorações aos que morriam por uma causa que não era a nossa.  
Vim para apagar o dia em que mostravam toda a força da repressão, fazendo-a desfilar aos nossos olhos vidrados de raiva.

Atinei eu vim «porque acredito»  
Atinei eu vim porque não quero ver mais o que vi  
Atinei eu vim porque sou explorado

E estou convencido que se soubesses os motivos porque vim...  
TU, enchendo-me o peito de alegria, e apertando forte a tua mão à minha,

ESTARIAS A MEU LADO.

(UM TRABALHADOR DA CUF)



## CULTURA E TEMPOS LIVRES

### Vamos ler

**O FENÔMENO E A ESSÊNCIA,**  
de M. M. Rosental e G. M. Straks — Col. «Cadernos Políticos» — Editorial Estampa

«Esta dialéctica da essência e do fenómeno serve de base para resolver correctamente o problema das relações mútuas entre o conhecimento sensível e o pensamento abstracto na descoberta da essência das coisas. A teoria dialéctica, materialista, do conhecimento, parte do princípio de que o fenómeno, no curso da sua actividade prática, entra em relação de interdependência com os objectos e fenómenos do mundo objectivo, de que os seus órgãos sensoriais reflectem os referidos objectos e fenómenos, e de que, através do pensamento abstracto, submetido a uma análise lógica dos dados fornecidos pelos órgãos dos sentidos, é assim que o homem avança do conhecimento do fenómeno ao da essência; do conhecimento do imediato, do externo, ao do imediato e interno.»

**POLÍTICA DE EMERGENCIA ECONOMICA NACIONAL, SECTOR AGRARIO,** de Júlio Silca Martins.

«A longa e violenta prática colonialista em relação aos territórios de África e de outros continentes marcou profundamente o tipo de grandes empresas que funcionam neste País. Não estamos perante um capitalismo evoluido, dentro do sistema, mas ante empresas que persistem em manter-se em primitivas formas de exploração fundadas em grandes massas de trabalhadores indiferenciados e mal pagos e em equivo equipamento técnico, todavia altamente concentrado.»

«Esta prolongada e intensíssima extracção de rendimento social criado em territórios coloniais, colocou estes perante graves problemas de subdesenvolvimento económico e social, os quais são parte importante das enormes dificuldades que estão a en-

frentar os novos regimes políticos em implantação em Portugal e nesses territórios.»

**PERU — DOIS MIL DIAS DE REVOLUÇÃO** — Este volume contém vários documentos oficiais, comunicados, entrevistas, etc. — Col. «Documentos» da Editorial Prialé.

«A Revolução peruana faz parte da ampla insurreição das nações pobres do mundo, desse grande processo histórico que marca de forma tão nítida a indole do nosso tempo. O nosso destino está para sempre ligado ao de outros povos que lutam pela libertação do domínio estrangeiro; por isso esta Revolução é, na própria essência, uma revolução anti-imperialista. Por isso ela constitui o mais profundo significado desse grande e fecundo nacionalismo revolucionário latino-americano, que não só lhe ganha maior força e pujança (Velasco Alvarado, presidente do regime militar progressista do Peru).  
**SOBRE A COEXISTENCIA PACIFICA ENTRE OS ESTADOS DOS DOIS SISTEMAS** —, de Dmitri Tomachevski — «Cadernos Políticos» da Editorial Estampa.

«A evolução da vida internacional não cessa de confirmar a importância primordial das relações entre os Estados dos dois sistemas ou, como se diz por vezes, entre o Este e o Oeste, seja determinado, acima de tudo, pelo conteúdo de classe das relações entre os países socialistas e os países capitalistas. Apesar de todas as transformações que estas relações conheceram nas diferentes etapas históricas, no que diz respeito às suas formas e à sua importância, a sua natureza social permanece inmutável. É no domínio das relações entre os Estados dos dois sistemas que se manifesta a contradição fundamental do mundo contemporâneo: a contradição entre o imperialismo e o socialismo.»

### Cinema

Fomos pessimistas de mais quando previmos que o panorama cinematográfico só poderia piorar com a aproximação das férias. Elas estão quase à porta, pelo menos o cenário invadiu a cidade, e, entanto, não podemos deixar de reconhecer que em matéria de qualidade, já passámos por épocas muito más fracas.

Em relação aos filmes que temos aconselhado e que continuam em exibição, temos portanto: **Fritz e Gato**, de Ralph Baskin, deliciosa sátira à vida americana, que está no Londres, Woodstock, de Michael Wedleigh, no Catelescópio e (a não perder) **A Coragem do Povo**, um filme boliviano de Jorge Sanjinés e **A Morte de um Lenhador**, do canadiano Gilles Carle, ambos em exibição no cinema Unimax.

Estrouseu no Apolo 70 um filme de Miklós Jancsó que aconselhamos vivamente: tra-

ta-se de **Salmo Vermelho**, que é, sem dúvida, uma das mais importantes obras do cinema húngaro. A acompanhar este filme não perca **Vamos ao Niomas**, de Lauro António, Aconselhámos também **Lucky Luciano**, de Francesco Rosi, no Cinebolto, com Gian Maria Volante e Rod Steiger como intérpretes. Não perderá o tempo se for ver o **Diário de uma Esquizofrénica**, de Nelo Risi, no Satellite ou **É tudo boa gente**, de Jean YVES, no Monumental. Há ainda **O Monge**, no Cinema 2000, mas não faça confusões, pois não se trata de um filme de Luis Buñuel que apenas é responsável pelo argumento (que é bom), mas a realização é fraca.

Para terminar um conselho bem intencionado: não vá ver **A Reparação da motocicleta**, que nam só culpa foi do Naro (ambos péssimos) e muito menos **Calcutá**.

### Teatro

**Seara de Vento**, no Maria Matos, a peça de Manuel de Fonseca, continua a ser o espectáculo teatral que de momento mais entusiasmos.

Mas pode ainda ir ver **O Insecticida**, de Miguel Barbosa, no Teatro do Nosso Tempo e **A Verdade da Liberdade**, no Teatro do Povo.

### TV

Como o nosso jornal está a meio da semana e não conseguimos informações exactas com a antecedência de que precisaríamos, limitamo-nos a chamar a vossa atenção para algumas rubricas que às vezes não convém perder: **Antologia**, no 1.º canal, por volta das 8 ou o **Teatro**, no 2.º canal, por azar à mesma hora, e no mesmo dia; **2.ª Feira**, a 3.ª feira não deixa de ver a série **Resistência**, no 1.º canal às 9,05.

**4.ª Feira**, às 13,15 no 1.º canal e às 20,45 no 2.º canal, na rubrica **Encontro** poderá ver uma entrevista com Alberto Cavalcanti. No 1.º canal tem ainda **Temas e Problemas**, às 21,30 e **Pitefin**, às 22 horas um programa de Francisco Nicholson e Henrique Viana, que não podemos deixar de desaconselhar. Os que já vimos achámos-lo de uma falta de humor confrangedor. Se gosta de policiais veja no 2.º canal a série **Os Grandes Detectives**, às 21,50.

**5.ª Feira**, às 21,05 e às 22 mais um filme da série **Os Camponeses**, quanto ao 1.º canal. E deixemos por hoje o 2.º canal.

**6.ª Feira**, 20 — No 1.º canal: **Com todas as letras**, às 19,30, um programa de Eduardo Prado Coelho. **Afinal** como é, com o dr. Pricas Antunes,

às 21 e mais um filme da série **Os Inquiridos do comissário Maigret**, baseado em novelas de George Simenon, às 21,30. Francamente não vemos por onde pegar no 2.º canal.

**Sábado**, 21 — Se gosta de monstros não perca **Os Malucos do Circo**, uma série inglesa que pode ver às 13,45 no 2.º canal ou às 19,30 no 2.º canal. Ainda no 1.º canal tem: **Ensaio**, às 16,35, um programa de João Martins, **Memória do nosso Tempo**, às 19,30. **Há só uma terra**, às 21, um programa de Luis Filipe Costa que não deve perder, e, no Noite de Cinema, às 21,30 **O Som** e a **Fúria**, com Yul Brynner, Joanne Woodward e Margaret Leighton. No 2.º canal, às 21 h, iniciase uma nova série francesa, baseada no romance de Gustave Flaubert **Madame Bovary**, com Jean Pierre Leaud e Françoise Fabian como intérpretes. Talvez valha a pena ver. Ainda no 2.º canal tem o **Programa do Movimento das Forças Armadas**, às 21,50.

**Domingo**, 22 — Na tarde de cinema, que em princípio será dedicada às crianças, há um filme austríaco que é exibido às 10 h, sob o título ainda não podemos acrescentar. Ainda no 1.º canal **Evolução do Homem**, às 17,30, uma produção da G. Os **4 Bandidos e o seu Cão**, às 19 e **Teledomingo**, como sempre às 20,30. G. 2.º canal continua sem história ao Domingo.

### Rádio

**Atavaca** — Diariamente das 0,05 às 2 h, no Rádio Clube Português, onde média, um programa inteiramente dedicado aos problemas dos trabalhadores. Nas noites de sexta para sábado, exclusivamente dois temas: problemas económicos e reforma agrícola. Intervenientes: Vasco Cal e Blasco Hugo Fernandes.

**Movimento** — Todos os dias em Rádio Clube Português, 3.ª feira, às 18,30, um programa, excepto ao domingo. As 3as, 5as e sábados, imediatamente após o noticiário das 12, a rubrica **Entre Cubas** tem o programa de Duarte Ferreira e Luis Filipe Costa, com Luis Filipe Costa ao microfone. A não perder.

Ainda em Rádio Clube Português, julgamos poder anunciar o recomeço para breve do programa sobre **Formação Sindical**, provavelmente sob a responsabilidade de Carlos Carvalho.

**Sindicalismo** — Programa de Helena Neves e Mafalda Claudina, na Emissora Nacional às 2as e às 6as feiras, às 22 horas e aos sábados às 16,05 horas.

**Camponeses**, quanto ao 1.º canal pode ouvir às 2as feiras pelas 3,10 o programa **Miniteatro**, que é repetido no 1.º canal às 8 h, e às 6h à 6 h da madrugada. Para esta semana temos **O retábulo de Peste**, de Bergman.

A sabotagem económica constituiu uma das principais armas da reacção, quer a nível interno quer externo.

A nível interno sucedem-se as tentativas de despedimento, as falsas falências e outras manobras idênticas. A nível externo, o capital estrangeiro vai fazendo o que pode, procurando fomentar o descontentamento e o pânico entre os trabalhadores portugueses.

Um caso típico do que acima ficou dito foi-nos dado a conhecer, há alguns dias, pelos trabalhadores da Lisnav, vítimas das manobras levadas a cabo pela empresa sueca Eriksbergs. A firma em questão, possuidora de cerca de 10 por cento das acções da Lisnav, pretendia cancelar uma importante encomenda, facto que poderia conduzir alguns milhares de trabalhadores a uma situação de paralisação forçada.

Após uma série de encontros entre a administração da Lisnav e representantes da Eriksbergs, um que esteve presente o Conselho de Defesa dos Trabalhadores como observador, chegou-se a uma situação de possível acordo.

#### BALANÇO DE UM ANO DE LUTA

Mas a luta das camaradas da Lisnav é muito mais vasta. Problemas não faltam, e vontade de os resolver também. Por tudo o que ficou dito, fomos até à Margueira e conversámos com alguns elementos do Conselho de Defesa dos Trabalhadores.

Foi António Costa quem começou por nos dar a conhecer um pouco da história da Lisnav, antes do 25 de Abril. «O Conselho de 25 de Abril, existia já uma comissão interna de empresa, eleita pelos trabalhadores e manipulada pela administração.

Pretendiam aparentar uma certa democratização. Mas só para que facam uma pequena ideia, posso dizer-vos que, quando havia uma reunião, a agenda de trabalhos tinha que ser apresentada à administração 15 dias antes.»

Na verdade, nos últimos tempos da ditadura fascista, o capital recorria às mais diversas manobras para pôr cobro à luta dos trabalhadores. As forças da repressão, só por si, já não eram suficientes. Mas o 25 de Abril chegou: «Com o 25 de Abril — prossegue António Costa — o grupo de trabalhadores começou a movimentar-se, e, durante uma Assembleia, a comissão interna acabou por ser demitida. Entretanto, foi criado um grupo de trabalho, surgiram diversos cadernos reivindicativos, e, por fim, elaborou-se um único caderno, que foi apresentado à administração. Como nada se conseguia obter, ao fim de dois dias entrámos em greve durante 48 horas. Então, após uns quantos dias de reunião, o n.º 1 e seguintes começaram a grande parte das nossas reivindicações.»

Os trabalhadores trataram, em seguida, de eleger uma comissão que os representasse. Das eleições realizadas surgiu uma comissão de trabalhadores formada por 240 delegados, e, então, apa-

## TRABALHADORES DA LISNAVE O CONTROLO OPERÁRIO É FUNDAMENTAL PARA A REVOLUÇÃO

receram os primeiros problemas, senão vejamos o que nos disse António Costa: «É claro, no meio de tanta gente, os interesses partidários começaram a sobrepor-se aos interesses da colectividade. Ao fim de um ano, como nada se adiantava, a comissão começou a ficar desacreditada perante os trabalhadores. Em Janeiro de 75 realizaram-se novas eleições e ficou tudo na mesma, praticamente. E n'tretanto, ainda nos finais de Dezembro, linha aprovada uma ordem de serviço da Administração, em que se propunha reduzir o leque salarial e aplicar a novos aumentos. Queríamos ultrapassar a própria co-

larde, foi aprovado, e, alguns dias depois, foi eleito o Conselho de Defesa dos Trabalhadores.»

#### OBJECTIVOS A ATINGIR

«Neste momento — prosseguiu um dos nossos entrevistados — temos três objectivos principais. Em primeiro lugar há que reorganizar a construção naval. Nesse sentido, estamos a elaborar um projecto que será apresentado ao Governo. Paralelamente o controlo operário da produção e a Batalha da Produção constituem objectivos fundamentais. É claro que a Batalha da Produção não

## O QUE É A LISNAVE

A Lisnav — Estaleiros Navais de Lisboa, S.A.R.L., é uma das empresas do grupo CUF, grupo capitalista que integra mais de 100 empresas. A Lisnav foi constituída em 1961 com o capital de 50 000 contos sendo, actualmente, de 500 000 contos distribuídos do seguinte modo:

Capitais estrangeiros (suecos e holandeses) — 40 por cento.

Capitais nacionais — 9 por cento.

Capitais do grupo CUF e família Melo — 38 por cento.

Capitais do Estado — 4 por cento.

Em 1974 foram docados para reparações 20 navios portugueses e os seguintes navios estrangeiros: Grã-Bretanha, 36; Noruega, 31; Japão, 13; Estados Unidos, 12, etc. Estes números, só por si, mostram bem a dependência económica da Lisnav, relativamente ao capital estrangeiro.

A Lisnav emprega mais de 8 000 trabalhadores, sendo com os dias sociedades empregadoras que para ela trabalham directamente, realizando mais de 3 milhões de contos de vendas anuais, que são quase na sua totalidade deixadas a entrar em Portugal.

Claro, estávamos em presença de uma manobra reaccionária da administração, que tentava pôr os trabalhadores uns contra os outros, o que, em parte, se conseguiu.»

Em Fevereiro, apareceu um outro grupo de trabalho, formado por elementos da Lisnav e da Selenave, que tratou de elaborar um novo caderno reivindicativo. Das reivindicações exigidas destacava-se o estabelecimento do ordenado mínimo de 11 mil escudos. Sobre este assunto, o n.º 5 interlocutor adiantou-nos: «O estabelecimento de tal ordenado acarretava uma despesa de 800 mil contos anuais para a empresa.

Realizava-se uma assembleia de trabalhadores, e a comissão que tinha elaborado o tal caderno foi deslitida. Elaborou-se um novo caderno reivindicativo, que, mais

terá razão de existir se o controlo operário não se verificar. O controlo operário é fundamental para o avanço da Revolução. Neste momento estamos a elaborar um projecto com vista a planificar esse mesmo controlo, mas não queremos adiantar muito mais, uma vez que ainda não foi discutido e aprovado por todos os nossos camaradas. No entanto, posso adiantar que foi já aprovada a criação de um Gabinete de Controlo e Planeamento da Empresa.»

#### O PAPEL DOS SINDICATOS

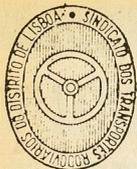
No processo revolucionário vivido por todos nós, os Sindicatos têm um papel importante a desempenhar. António Costa explicou-nos o seu ponto de vista: «Os sindicatos, no processo actual, são importantíssimos. Deverão ser uma

escola de formação política, de formação de quadros. Se não engam, a Inter sindical pensa que as Comissões de Trabalhadores não vão conseguir a ficar ultrapassadas, e que o seu lugar deverá ser tomado pelas Comissões de Delegados Sindicais. Nós pensamos que, por agora, ainda há lugar para as duas. Para já, as Comissões de Trabalhadores são tão importantes como as Comissões de Delegados Sindicais. As Comissões de Trabalhadores são importantíssimas para uma melhor tomada de consciência das realidades nos locais de trabalho. Olhando para os processos revolucionários que desenrolamos por esse mundo fora, verificamos que existem «comités» de fábrica e os sindicatos. É claro, no pouco e pouco, ambas as partes darão lugar às Comissões de Delegados Sindicais, sobre isso nem tenho dúvidas, e até será bom sinal. De resto, amigo, uma coisa garantimos: se daqui por dois ou três anos, no máximo, as Comissões de Trabalhadores não estiverem lugar às Comissões Sindicais, estamos muito enrustidos. Nessa altura, já não haverá mais democracia lá tomou conta do assunto.»

Importantes, sem dúvida, as palavras de este nosso camarada. Mas muito mais nos contaram os nossos entrevistados. «A situação da possível «crise» que se faz abater, a diversos níveis, sobre a Lisnav, José Mendes afirmamos: «A maioria das nossas encomendas são estrangeiras. Neste momento, trabalhos de reparação não temos nenhum, estamos apenas a cumprir contratos com estaleiros suecos. Quer dizer: nos aqui fazemos composições de navios que serão enviados lá para fora. Portanto, o problema que poderá surgir será o cancelamento dessas mesmas encomendas. É caso da tentativa da Eriksbergs.»

«Mas haverá, efectivamente, um boicote declarado (para lá do caso Eriksbergs) por parte do capital internacional? Desta feita, foi Manuel Tempera que nos deu a sua opinião: «Provas concretas de boicote não temos. No entanto, todos os dias chegam telexes a cancelar encomendas. Penso, no entanto, que tudo isso pode engundar perfeitamente numa crise geral do capitalismo a nível mundial. Mas não sei se isso é dado ver, temos que estar vigilantes e actuar na altura devido. Nestes tempos, de manobras levadas a cabo a partir de países estrangeiros, poder-se-á, por exemplo, afetar as centrais sindicais estrangeiras no sentido de pressionarem os respectivos governos. De resto, foi o que se passou com o nosso caso.»

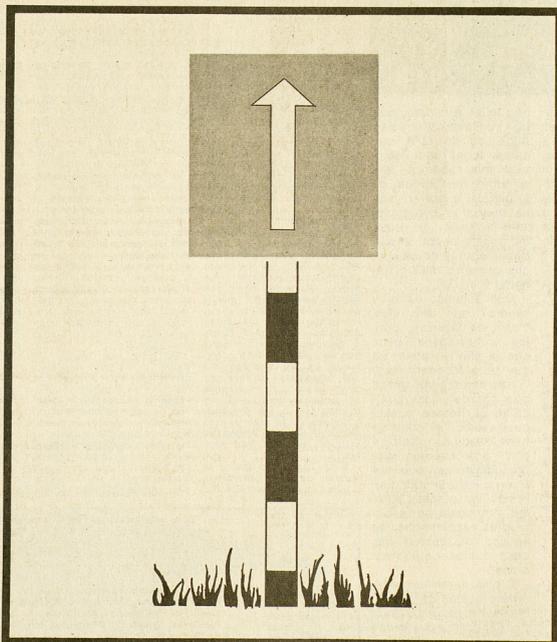
Por fim, um dos nossos entrevistados fez o ponto da situação: «Há necessidade de explorar nos mercados, do Leste, por exemplo, Ália, já firmámos contratos com a Polónia, e existem boas perspectivas em relação à Bulgária, U. R. S. S., Quebec, etc. Não se pode esquecer de não ainda salientar que o mesmo CUF (Melos) foi dos menos afectados com a nacionalização da banca e dos seguros, isto a propósito da nacionalização da Lisnav. A nacionalização interessava-nos até a ser feita de qualquer modo a não afectar quem cá trabalhamos. Que o Governo possa adoptar a alterações deverá ouvir os trabalhadores para evitar que se criem situações que não servem a ninguém.»



# A R DA

BOLETIM DO SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA — 18-6-75

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS



**CONTRATO  
COLECTIVO DE TRABALHO  
VERTICAL**

EDITORIAL

GRITO DE ALERTA



Eles ali estão, a começar a aparecer, com as ameaças de terror, que a reacção sempre foi feita, em reprimir o povo. Recorrer a todos os sabujos, antigos pides e legionários, que andam à solta, a marginais, que a troco de dinheiro, tudo fazem.

Comearam por cargas explosivas, mas irão empregar outros métodos temos a certeza.

Para os combater, temos que redburar de vigilância, e nós motoristas, temos o maior campo de acção, pois percorremos o País de norte a sul, e até o estrangeiro. Desde os táxis, que levando pessoas a determinado local, aos que transportam cargas suspeitas. E já mais que uma vez, camaradas nossos, descobrem ilegalidades em cargas, tanto na fuga de bens, como no transporte de armas. Há pois toda a razão, para estarmos vigilantes, e criarmos mesmo nos sindicatos, um controlo de informações, canalizadas depois a estâncias superiores. Isto não é, os novos informadores, como certos demagogos dizem, mas sim vigilância popular, em defesa das liberdades já alcançadas e da via rumo ao socialismo.

Temos que nos preparar, e todos nós somos de mais, é necessário

não estar à espera, que seja do Governo, dos partidos, ou do MFA que saiam todas as iniciativas, pois sabemos, que se arde uma fábrica, os primeiros a sofrer, são os operários que ficam sem trabalho, se queimam uma seara, é aos trabalhadores do campo, que primeiro falta o trabalho e o pão.

Que estamos então à espera? que eles destruem as fábricas, pontes e barragens, bens que já são do povo, ou que para lá caminham?

Não camaradas! temos que guardar bem guardado, os nossos postos de trabalho, e todos os bens, desde os mais simples, aos maiores empreendimentos que temos no País, se não queremos, ver a nossa batida, entravada por sabotadores reaccionários, ao serviço do capital fascista, nacional e internacional.

É pois, tarefa urgente, criar piquetes de vigilância permanentes, com participação, de forças militares ou militarizadas, se assim se entender, mas armadas, para fazer frente, em qualquer eventualidade, a esses bandos de traidores do nosso povo.

Desmascarar t o d o s aqueles, que mesmo dizendo-se de esquerda, atacam o MFA os partidos progressistas, que o mesmo é dizer, todo o processo revolucionário.

MOTORISTAS QUE CULTURA?

A vós camaradas e companheiros, a todos aqueles, que não tiveram uma infância, como têm direito todas as crianças do Mundo, e que aos vossos filhos, também não lha podeream dar. Eu dedico estas linhas.

Que me desculpem, vou começar um pouco atrás, al pelo ano de 1933, quando Salazar, tendo chegado a chefia de governo, faz aprovar a constituição fascista, que vai abolir todas as liberdades fechar todos os Sindicatos, encerrar as Escolas do Magistério Primário, quando mais precisávamos de bons professores. E, os passos que tiramos dado, desde a implantação da República em 1910, principalmente do ensino nos campos e aldeias, ficaram sem seguimento.

Foi assim que, analfabets ou semi-analfabets, milhares de jovens, trabalhadores rurais, ou filhos de pequenos camponeses, chegaram a homens, sem outro ofício, se não trabalhar a terra, que já não admitia a todos, e que jorna de miséria, os faz emigrar para o estrangeiro, ou para os grandes centros urbanos de Lisboa e Porto. E, em busca de um emprego que não conseguem, só lhes resta um caminho, tirar as cartas de condução, para serem motoristas. Mas é aqui que conseguimos o diploma do 1.º grau, e, anos depois, já só com o 2.º grau de Instrução Primária, são aceites.

Surge assim, uns ligados às escolas de condução, outros isolados, oportunistas, profes-

soures ou não, que por altos preços, passam diplomas, ou levam adultos a exame, muitos dos quais, mal sabem juntar as letras.

Mesmo os que tiveram a sorte, de passar pela escola fascista, onde os professores tinham sido substituídos, pelas regentes escolares, estas com a 4.ª classe, salvo raras excepções, nada sabiam, pouco os puderam ensinar. Ao sair da escola, alguns anos de completo abandono, até esse pouco se perdeu. Pois ninguém os ajudou, a criar gosto pela leitura, pelo saber, onde o jornal não chegava, ou se aparecia era alienante, obscurantista, como interessava ao governo fascista.

É oriunda dos campos, e estão nestas condições, a maioria dos nossos camaradas motoristas, negão seria tirar a classe e o País. Tu, camarada, podes tirar o exemplo, procura a ti mesmo, ou a qualquer dos teus colegas, o seu passado, quantos livros possuem, que gosto tem pelo teatro, pelo cinema, pela arte, mágica, ou qualquer outra expressão cultural, e ficarás decepcionado.

Há pois, que encargar de frente, a melhoria dos seus conhecimentos, se queremos que eles se integrem no processo revolucionário, o caminho do socialismo. Não basta vender-lhes ou até dar-lhes o jornal ALAVANCA muitos não lhe pagam para o ler, e se o têm, não o compreendem, têm fracasso não na leitura, que passando por cima da pontuação, ou (arrancando capas)

como se costuma dizer, os artigos não lhe soam nada ao ouvido, por mais revolucionários e cusados que sejam, perdem o sentido que se lhes quis inculcir, para eles nada valem.

Que temos então que fazer? — Criar grupos de leitura, em todas as empresas, pequenos clubes de bairro, ou grupos desportivos, e sempre que um número de trabalhadores o justifique, para ler e explicar, o que se pretende dizer nesses artigos, fazer as críticas, de toda a imprensa que se lê, assim como trechos de livros que interessam à formação cultural dos trabalhadores, e ensinar mesmo aqueles que não sabem ou sabem pouco, levando-os ao interesse, por tudo que nos diz respeito.

Mas há que começar já, amanhã será tarde, tudo podemos fazer alguma coisa não é preciso saber muito, o que é preciso, é ensinar o que sabemos, aqueles que sabem menos, e aprender daqueles que sabem mais, só assim, conseguiremos levar de vencida, esta batalha de produção, que tem que ser em todos os campos, desde o económico ao cultural.

Nenhum trabalhador, analfabeto ou ignorante, pode aceitar de bom grado, os sacrificios que a revolução de uma sociedade, atrasada como a nossa para a via socialista, tem que acarretar, e nós teremos que ser a geração dos sacrificados, para que aos nossos filhos venham melhores dias.



Festa  
17 de  
trabalh  
piravanz  
direito  
contrib  
sacrific  
e até a  
legereim  
justo.  
nos re  
que lu  
fendend  
vo que  
tinar  
com a  
de Ab  
estas f  
tas dos  
tu.  
Você  
aconte  
ro de  
Com  
bem p  
nial, fi  
por lei  
única,  
duzent  
dicatos  
o País  
de 2 m  
e não  
guam,  
organ  
dos tr  
de 19  
alguns  
dos tr  
não se  
de 19  
A In  
tes det  
lutando  
o Gover  
e Cast  
das un

# O SEGUNDO 1.º DE MAIO EM LIBELIA

Festivejámos já o segundo 1.º de Maio, a festa que os trabalhadores portugueses aspiravam e que têm todo o direito de festejar, para isto contribuíram com o seu saber, sacrificando a sua liberdade e até a própria vida, para nos legarem um Portugal livre e justo. Por isso, sejamos dignos representantes daqueles que lutaram e morreram defendendo a liberdade do povo que trabalha e vamos continuar cada vez mais unidos com aqueles que no dia 25 de Abril, tornaram possível estas primeiras grandes festas do Maio em Libélia.

Vou hoje descrever alguns acontecimentos do 2.º primeiro de Maio em Libélia.

Como sabéis este primeiro de Maio organizado e muito bem pela Interindustrial nacional, finalmente reconhecida por lei, como central sindical única, composta por cerca de duzentos e cinquenta dos sindicatos mais representativos do País, que englobam mais de 2 milhões de trabalhadores e não deixa dúvidas a ninguém, que é realmente uma organização representativa dos trabalhadores, mas não só após o 25 de Abril (como alguns intitulados defensores dos trabalhadores que antes não se sabiam onde estavam nem o que defendiam).

A Interindustrial já muito antes defendia os trabalhadores, lutando corajosamente contra o Governo fascista de Tomás e Castano, por isso camaradas unamo-nos em torno da



queles que realmente nos representam e defendem.

Não será necessário descrever aqui o que foi mais este 1.º de Maio vivido e festejado em todo o Portugal, pois creio que todos nós, estivemos presentes na nossa festa e estou convencido que tudo faremos para que nunca mais termine. Vou sim falar sobre as celebrações em Lisboa às quais assisti e festejei.

Tivemos este ano a alegria de terem estado conosco várias delegações sindicais de todo o mundo, pois estiveram presentes representantes das centrais sindicais de quase todos os países de Leste e ainda representantes das confederações, unidos

e federações de alguns países ocidentais, que amavelmente aceitaram o convite feito pela Interindustrial aos trabalhadores de todo o mundo.

Estiveram pois presentes e festejaram conosco o dia dos trabalhadores, as seguintes delegações: C.M.T. — Confederação Mundial do Trabalho, C.I.S.L. — Confederação Internacional dos Sindicatos Livres, F.S.M. — Federação Sindical Mundial, U.I.N.T.A. União dos Sindicatos de Angola, Jugoslávia Csy, Itália C.C.I.L. + Uil, Chile C.U.T., Polónia CCSP, Cuba C.T.C., Roménia C.C.S.R., Espanha C.C.O.O. + U.G.T., República Democrática da Alemanha F.D.G.B., França C.G.T., — C.F.D.T., União Soviética C.C.S.S., Guiné U.N.T.G., Hungria C.O.S.H., Argélia U.G.T.A. e Vietname F.N.I, que finalmente conseguiu a sua independência.

Estiveram portanto conosco, trabalhadores de todo o mundo e ao contrário do que alguns saudosistas tentam dizer que corramos o risco de ficar só, Não camarada! Agora é que estamos acompanhados pois temos o apoio dos trabalhadores de todo o

nunca que são estes a força vital de qualquer país e também os melhores representantes desses mesmos países, a comprová-lo não estiveram aqui como antes ministros ou embaixadores, ou as chamadas pessoas importantes, estiveram sim, dirigentes sindicais, que são trabalhadores como nós e será com o apoio dos milhões de trabalhadores que representam que vamos reconstruir um Portugal livre e democrático.

Aproveito aqui para frisar uma vez mais, que os saudosistas teimam em não querer ver a Interindustrial como única representante dos trabalhadores e não esqueçamos, acusando-a de aliada a um partido mas a provar o contrário, a Interindustrial não convidou só este ou aquele país, este ou aquele sindicato a estar representando no 1.º de Maio em Portugal, convidou sim por intermédio das suas centrais, unidas, federações ou confederações sindicais, os trabalhadores de todo o mundo e todos aqueles que estão com a Revolução portuguesa, disseram sim e estiveram presentes, ora isto é independência e não aliamto.

Portanto, senhores saudosistas deixem de continuar a estorvar e emperrar a democracia e vamos todos juntos continuar pelo socialismo.

Coubem-me a mim a honra de acompanhar durante a sua estada em Portugal a delegação da central sindical da Roménia, e foi uma experiência verdadeiramente inesquecível que vivi com estes camaradas e com os das outras delegações, uma vez que após a chegada de todos, passámos a andar juntos em perfeita união e camaradagem, foi na verdade emocionante este contacto com os representantes destes povos amigos e quase todos eles, para mais agradável surpresa, falavam a nossa língua, prova evidente, que sempre tivemos quem se interessasse por nós e cada vez mais estamos acompanhados, pois todos estes amigos, sem vacilar, não se poupando a esforços, passaram toda a sua experiência e saber à disposição dos trabalhadores portugueses (lembrando aqui que a maioria destes povos fizeram a revolução socialista já há alguns anos). Também desta vez não nos liçamos só por Lisboa, fomos para os campos, para as fábricas, convivemos e trocámos impressões com os camponeses e operários e como é fácil conviver quando se pretende o bem comum sem querer copiar este ou aquele.

Com esta experiência, e com outras que certamente se irão seguir, com a experiência e apoio técnico que todos estes povos amigos puseram à nossa disposição e com a vontade dos trabalhadores portugueses produzindo, mais e melhor, unidos nos sindicatos representativos das massas trabalhadoras, nós vamos vencer a batalha da produção em que estamos empenhados, consolidar a democracia e alcançar o verdadeiro socialismo.

Em frente pois pela Democracia e pelo socialismo em Libélia, 6 de Junho de 1975

## UMA MULTINACIONAL CHAMADA BETÃO PRONTO

Dentro de Lisboa existe uma empresa que explora a indústria de BETÃO PRONTO. Esta empresa é uma multinacional diferente de qualquer outra, porque toda a matéria-prima é arrancada do subsolo português e todo o material de venda não vai além-fronteiras.

Depois do vinte cinco de Abril houve um decréscimo na produção, motivado pelo impasse que se verificou na construção civil. O qual não era alarmante se não houvesse uns aumentos desproporcionados na parte administrativa e alguns executivos.

Pior do que os aumentos, é o desinteresse total, que actualmente mostra o engenheiro Marques Carvalho, que além de não fazer vendas, deixa serder obras, e dá o incentivo aos trabalhadores para que não vendam também. Lamentável é sem dúvida que de-

corridos um ano e tal este senhor ainda não se tenha adaptado ao processo revolucionário em curso. Apesar de ter sofrido um aumento de dezasseis mil escudos mensais não dá a mínima justificação do dinheiro que recebe, porque não se lhe vê trabalho. Embora diga, que vai apagar no trabalho, que vai trabalhar, que se vai interessar, a verdade é que nada faz.

Os trabalhadores conscientes do período que atravessamos têm procurado por todos os meios e formas a sua reabilitação dentro da nova sociedade em construção, mas acabam por ver nele um reformado com trinta e oito mil escudos mensais e um carro para passar.

NOTA — Esta é o nome da Empresa PIONEER BETÃO PRONTO, LDA, Praça Rainha Santa, 1.ª Dt., Lisboa.



# QUE É O DR. CARLOS ALMEIDA SANTOS

COMUNICADO

O Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, surpreendendo pela leitura de um comunicado enviado à IMPRENSA pelo Secretariado dos Transportes Rodoviários do Sul do Tejo, no qual dizem não apoiar o Ministério do Trabalho no atendimento referente ao dr. ALMEIDA SANTOS, não pode deixar de protestar veementemente contra o conteúdo daquele comunicado, pois só compreende que este tenha sido enviado à Imprensa por má-fé ou falta de conhecimento dos factos, dos seus autores.

Contrariamente à ingenua afirmação do Secretariado dos Transportes Rodoviários do Sul do Tejo, constante no respectivo comunicado, onde se diz que o sr. ALMEIDA SANTOS tem sido um acérrimo defensor das classes trabalhadoras, nós dizemos que esse senhor tem sido, isso sim, um denunciador das classes trabalhadoras.

Para provar a veracidade das nossas afirmações neste comunicado, enviamos aos órgãos de informação e ao Secretariado dos Transportes Rodoviários do Sul do Tejo, documentos comprovativos da culpabilidade do sr. ALMEIDA SANTOS, nas denúncias por ele feitas e enviadas às entidades fascistas, sobre pessoas singulares e Organismos sindicais.

E embora o Secretariado mencione no seu comunicado todos os Sindicatos do Sul, nós, RODOVIARIOS DE LISBOA, não acreditamos nos Sindicatos de EVORA, BEJA, FARO e PORTALEGRE, tem-ham apoiado aquele comunicado.

PLA DIRECÇÃO,

**João Sequeira Branco**  
Presidente

a) CARLOS MANUEL DE FARIA ALMEIDA SANTOS.  
b) Filiado desde 21-1-51 no U. N.

c) Congresso da ex-ANU em 73 em Tomar onde enviou uma tese.

d) Denúncias nas eleições da secção dos Metalúrgicos do Barreiro.

Uma denúncia do sr. ALMEIDA SANTOS.

A elevada consideração de Sua Excelência o Subsecretário de Estado do Trabalho

INFORMAÇÃO

A Secção de Setúbal do Sindicato dos Metalúrgicos do Barreiro vai eleger eleições em 19 de Março p. p. para o triénio 1974-76. A lista oficial (A) apresenta as eleições tem a seguinte composição.

Augusto Pais Damásio; António José do Rosário Ambrósio; Adelino Augusto Martins da Silva; Jacques Oceano Matias; Mário de Jesus Coelho; Hernano Jorge da Silva Peres Teixeira.

A verdade, porém, é que no último dia de Janeiro transacto um grupo de três trabalhadores abrangidos pelo organismo (António Branco Marcos dos Santos, César António Sanches Escumalha e Manuel Flaminio Menino Patarra) manifestou a intenção de apresentação de outra lista à eleição.

Colhidos elementos de informação sobre os indivíduos em causa, verificamos que, em fotocópia, se remetem em anexo.

Por estranho que pareça, para tal "história", a Câmara Municipal de Setúbal passou a tais indivíduos (no último dia de prazo para apresentação das candidaturas...) declarações de inscrição nos cadernos eleitorais, embora se referisse nestes mesmos factos previstos no Estatuto dos Empregados dos Organismos Corporativos.

Da atitude camarária — pelo menos estranha, em face de imediata resposta ao pedido de passagem sem contactos prévios esclarecedores da situação — de já pessoalmente conhecimento ao Excmo. Governador Civil do distrito. Presume-se que a Comissão de Verificação das Condições de Elegibilidade não considera a candidatura da lista B entendendo que a falta de documentação adequada não permite apreciar a elegibilidade ou inelegibilidade desses candidatos.

A ser assim, porém, é de admitir que venha a surgir em Tribunal uma acção de impugnação de tal deliberação, à semelhança do que aconteceu com o Sindicato dos Têxteis do Barreiro.

Setúbal, 20 de Fevereiro de 1974.

O Delegado do I.N.T.P. (ilegível) em anexo: fotocópia

ANTONIO BRANCO MARCOS DOS SANTOS, metalúrgico, nascido a 14-5-1945, em S. Julião — Setúbal, filho de Joaquim Marcos dos Santos e de Virginia Rosa da Conceição Branco e residente na Rua Francisco José Mota, n.º 1-1. DL.º SETUBAL.

No ano de 1973 foi Presidente do Conselho Fiscal do Circulo Cultural de Setúbal, onde, durante a campanha eleitoral desenvolveu actividades a favor da Oposição.

CESAR ANTONIO SANCHES ESCUMALHA, casado, mecânico na IMA, nascido a 10-1-1944, em S. Simão — Arzêgido, Setúbal, filho de Abílio António Escumalha e de Angela da Conceição Sanches e residente em Vendas de Azêlido — SETUBAL.

Em 1973 tomou parte em diversas reuniões do Movimento do partido comunista de Setúbal, antes do início de campanha eleitoral e, nesta ocasião, manifestou-se muito activo.

Está ligado a alguns elementos do partido comunista português que trabalham nesta empresa.

MANUEL FLAMINIO MENINO PATARRA, solteiro, operário, nascido a 5-3-1948, em Cabrela, Montemor-o-Novo, filho de Manuel António Patarra e de Maria Elisa Menino e residente na Rua Flaminio de Almeida, loja 32-A — SETUBAL.

Foi operário da Movavolta até ao dia 3-12-1973, em data em que foi despedido por ter tentado baixar a produção na linha onde estava integrado, em conjunto com outros colegas. Tendo sido chamado não concordou em voltar a dar o rendimento normal, alegando que era operário de 2.º e por isso trabalharia "em segunda", isto é, lentamente.

Palavras proferidas na sessão de encerramento pelo Excmo. Senhor Dr. Carlos Manuel de Faria e Almeida Santos, Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência no distrito de Setúbal. (Cine-Teatro Luísa Todt, em Setúbal, 16-7-73)

Senhor Subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência

do I.N.T.P. comemorando o 40.º Aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional, em Voto por Vossa Excelência, Senhor Subsecretário de Estado, as minhas primeiras palavras. Palavras simples e fáceis, pois que fácil e simples me parece ser referir, na capital de um distrito onde Vossa Excelência deixou impressiva e indelevelmente gravadas as marcas de uma forte personalidade, as altas qualidades de inteligência e de dedicação à função pública que exornam a personalidade de Vossa Excelência, juntamente com uma preocupação, diariamente confirmada, de uma absoluta disponibilidade e uma grande ponderação.

Será difícil a alguém, não presumindo de procura específica para o efeito, poder afirmar, noutras circunstâncias e em relação a outra personalidade, com tão grande segurança, aquilo que vou referir: todos os que aqui estiveram presentes receberam Vossa Excelência com o mesmo prazer, penhoradamente agradecidos a honra que nos dá a presença de Vossa Excelência, renovamos profetas de muita consideração e sincera amizade.

Jornadas Sociais e Corporativas do Distrito de Setúbal, comemoração do 40.º Aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional, Imperioso é apontar o espírito que a todos nos anima nesta efeméride. Não prezando, e de apenas recordar um monumento e um momento histórico. Se assim estivesse motivado o nosso espírito atrevo-me a dizer que não estaríamos a comemorar condignamente a "carriz magna" do povo português.

O Estatuto do Trabalho Nacional é um marco fundamental da política social portuguesa. Não há, portanto, que recordá-lo apenas, mas sim que vivê-lo todos os dias, interpretando e aprofundando as suas opções — não como indicando metas mas como apontando objectivos à vista de uma meta próxima — não como uma cínica ideologia de um "caminheiro do social", nem foi, por certo, a posição oportuna dos primeiros cabuqueiros do Estado Social Corporativo Português.

—Insatisfeitos sempre, descrentes nunca— reproduzindo à lapidária definição do ministro Ribeiro de Sá, Portugal vive esse o espírito que a todos nos congregou ao longo destas Jornadas cuja realização só foi possível pelas prestimosas colaborações que foi viável obter e às quais não

pode deixar de fazer-se a referência. Desde logo, o Distrito que aqui nos acolheu, para o qual Vossa Excelência não negou a sua qualidade de alto funcionário (há recordado) do Ministério das Corporações e Previdência Social. O modo como aqui anteriormente não apenas presidiu à sessão de abertura destas Jornadas mas se orientou, com inteligência e viva compreensão, os assuntos de fundo da matéria e causou a extrema de concatos e o debate que se seguiu à exposição do Dr. Nascimento Rodrigues foi cabal demonstração de fazeres a que se deve a honra de ter sido eleito o Sr. Subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência Social.

Os trabalhadores da Empresa de Administração Automática de Conhecimento para JUSTO & COMPANHIA, LDA, cuja vida se arrasta desde a criação da empresa, o controle financeiro da firma a partir de 7 de Abril de 1973.

Entretanto foram nomeados por parte do Governo dos Administradores para as Empresas do grupo Centauro, do qual a Bucelmas toma parte.

No passado dia 10 de Junho corrente, em R.G.T. foi feita a seguinte declaração: "O trabalho que haviam sido realizados em Portugal não se fez a nacionalização da empresa, mas sim a sua venda a particulares."

Mereceu especial atenção dos Delegados Sindicais a vontade expressa por todos os trabalhadores de que fossem serviços de contabilidade realizados em Portugal ao seu local primitivo — GLENENSE — bem como o processo de alguma candidatura de trabalho que haviam sido retirados com estes senhores para a Carnaech em Lisboa, quando da compra da Bucelense por essa Companhia.

Deste modo, foi detido no próximo lugar a desestruturado dos Sindicatos capitalistas. Dirigentes do Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa presentes nesta reunião, aludindo à convocação dos vinteiros do Sindicato a levantar o protesto próximo pelas vinte e três horas na voz do Sr. Nestor, fizeram sentir a necessidade de fazerem sentir a

# OS ALMEIDA SANTOS E A BATALHA «BUCELENSE»

de deixar de fazer a referência. Decidiu, então, em primeira linha uma lavra muito especial e de alto teor político. O Distrito que, aqui como em tantas outras oportunidades, não negociou a sua qualidade de alto funcionário (não recordado) do Ministério das Corporações e Previdência Social. O modo como antes, e antes não apenas o pedido à sessão de abertura destas Jornadas mas o conteúdo, com inteligência, de fundo, conhecimentos e de fundo da matéria e de uma postura de combate que se seguiu à exposição do Dr. Nascimento Rodrigues foi cabal dem-

ostração da verdade da afirmação que atrás produzi.

É um funcionário do Ministério das Corporações que, mas um simples componente da Comissão Executiva das mesmas referir o papel preponderante que na sua preparação teve a Organização Corporativa distrital. Organização que entre si escolheu os seus representantes na Comissão Executiva, mas que toda ela se manteve, apesar disso, sempre ligada à comemoração da efeméride. Desse modo, a presença nesta mesa de representantes de quatro dos Organismos Corporativos que fazem parte da Comissão Executiva das Jornadas Sociais e Corporativas

dejustificava e impunha. Grato é também a quem não foi de nenhum modo o Organizador destas Jornadas mas um simples componente da Comissão Executiva das mesmas referir o papel preponderante que na sua preparação teve a Organização Corporativa distrital. Organização que entre si escolheu os seus representantes na Comissão Executiva, mas que toda ela se manteve, apesar disso, sempre ligada à comemoração da efeméride. Desse modo, a presença nesta mesa de representantes de quatro dos Organismos Corporativos que fazem parte da Comissão Executiva das Jornadas Sociais e Corporativas

do Distrito de Setúbal não venha a ser valorada muito linear e apressadamente. É que, por eles, estão todos os Organismos Corporativos que integram a Comissão. E não apenas esses — está toda a Organização Corporativa distrital, dispersa, presente, palpante e atenta nesta sala, com a qual diariamente contamos tanto quanto julgamos que ele conta connosco, na tarefa ingente, difícil, tantas vezes infame mas sempre sedutora, da construção do Estado Social Corporativo. Duas palavras mais. A primeira ainda de agradecimento, tão justificada como as anteriores, ao Ilustre Conferencista desta noite, o

Exmo. Senho Director-Geral da Previdência Dr. Costa Leão. Uma sessão com as características que esta apresenta é evidente que o conferencista não podia ser uma pessoa qualquer. E realmente não o é. O Dr. Costa Leão, que na hierarquia funcional do Ministério das Corporações e Previdência Social ocupa a posição de topo, é um técnico competentíssimo, uma inteligência lucida, um pensador brilhante. Deve — e desejo — agradecer-lhe a disponibilidade, a simpatia e a afabilidade com que aceitou ao meu convite. E se, neste momento, ao manifestar-lhe a minha gratidão, o faço a título meramente pessoal ou,

quando muito, em nome da Comissão Executiva destas Jornadas, garanto desde já que ao terminar V. Ex. o seu trabalho, que não pode deixar de ser brilhante, todo o público desta sessão, não ficará por certo menos agradecido do que eu.

É tempo de terminar O Estatuto do Trabalho Nacional não se comemora, vive-se. Vive-se na construção eterna das «Capelas Imperfeitas» do edifício do Social. Edifício já mais concluído, mas edifício sempre aperfeiçoado e cujos alicerces nunca se desmornam.

(Continua na página 8)

## OS TRABALHADORES DO GRUPO BUCELENSE

Os trabalhadores da Empresa Camionagem AUTOMÓVEL BUCELENSE, EDUARDO JUSTO, COMPANHIA, Lda., cuja luta se arrasta desde Setembro de 1974, tomaram o controlo financeiro da firma a partir de 7 de Abril de 1975. Entretanto foram nomeados por parte do Governo os Administradores para as Empresas do grupo BUCLEENSE, do qual a Bucleense faz parte. No passado dia 10 de Junho corrente, em R.G.T., realizada nas instalações próprias da própria Empresa, foram debatidos vários problemas inerentes à organização da empresa.

Mereceu especial atenção os Delegados Sindicais que a estes trabalhadores de serviços de contabilização pessoal e atalugos voltados ao seu local primitivo «BUCELENSE», bem como o pedido de alguns comatistas de uma empresa que haviam sido retirados com estes serviços para a Cerneche em Lisboa, aquando da compra da empresa por essa Companhia. Dirigentes do Sindicato Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, prestes numa reunião, aludindo no próximo dia vinte do corrente pelas vinte e três trinta horas em Viseu, não ficaram sentir a neces-

sidade de que há do trabalhador à importância dos Estatutos Um Sindicato, Organismo de defesa da classe trabalhadora, pois que por ela é constituída não deve coriar o risco da sua extinção por despolitização ou negligência dessa mesma classe, quando só a ela interessa e serve.

Os trabahadores da BUCLEENSE, que no dia 21-75 haviam aprovado um R.G.T. uma moção pedindo a nacionalização dos Transportes Públicos Rodoviários, vêm satisfazer a sua aspiração com a nacionalização levada a cabo no passado dia 13 do corrente, em vista da criação de uma Empresa Rodoviária Nacional.

Os Transportes Públicos, espécie dorsal de um país, em Portugal estiveram desde sempre na mão de meia dúzia de capitalistas exploradores e monopolistas que desprezando o aspecto social importantíssimo de bem servir um público trabalhador — iam, na senda do lucro fáctil, aumençando os seus patrimónios particulares à custa da exploração desenfreada.

Depois do 11 de Março, com a nacionalização da BANCA e dos SEGUROS, o capital reaccionário perdeu parte do seu poder económico. Porém, não perderá ainda a esperança de através dos Transportes Lançar mais um dos seus golpes a tudo tem tentado para atingir os seus fins.

Em um momento, perdeu mais uma posição.



Nos trabalhadores da Bucleense, estamos com a revolução, rumo à Sociedade Socialista e igualitária que desejamos e merecemos. Por isso nos rejogizamos nesta hora com as medidas tomadas pelo Governo.

ABAIXO DE VEZ O CAPITALISMO MONOPOLISTA! VIVA O CONSELHO SUPERIOR DA REVOLUÇÃO!

VIVA A CLASSE TRABALHADORA E AS SUAS CONQUISTAS PELA REVOLUÇÃO!

**A NACIONALIZAÇÃO DOS TRANSPORTES, MAIS UMA VITÓRIA DA CLASSE OPERÁRIA**

Efectivamente só com a nacionalização das indústrias básicas, neste caso os transportes, pode realmente haver verdadeira democracia.

Assim, a democracia já não nos pode ser roubada pelos monopólios.

O Governo Provisório ao tomar mais esta medida revolucionária, sabe que tem o apoio total da esmagadora maioria dos trabalhadores dos transportes, só aqueles, felizmente poucos, podem estar contra esta medida, mas esses, só desejam socialismo à sua maneira, e no seu interesse próprio, serão inexoravelmente esmagados.

Estas são conclusões que se podem tirar da conversa que mantivemos com

varios trabalhadores do volante, do sector de tractoristas, gruas e empilhadores. Logo a partir de uma nacionalização.

Agora ainda mais orgulhosos, por sabermos que jamais seremos esquecidos, desejamos também nós contribuir para a batalha da produção.

Como poderemos nós, trabalhadores, dar essa contribuição? Trabalharmos, cada vez mais, conscientes e esclarecidos, com mais vontade, por sabermos que os lucros fabulosos não mais irão para aos bolsos dos capitalistas, mas reverterem, sim, a favor de toda a sociedade da qual, nós somos parte integrante.

De momento, duas medidas se impõem:

- 1.º — Só verdadeiros profissionais, a conduzir, estes veículos, contribuindo assim para maior segurança no trânsito;
  - 2.º — Anulação total e completa da burocracia da D. G. T. de licenças, itinerários, acompanhamentos da P. S. P., G. N. R., etc.
- Sabendo nós que às vezes para deslocar um destes veículos, contribuído assim para metros, se espera vários dias por todas estas licenças, atrasando assim o envio de obras em fabricas, etc.
- CAMARADS, EM FRENTE PELA BATALHA DA PRODUÇÃO!**
- ESCLARECE-TE JUNTO DO NOSSO SINDICATO!**
- UNIDOS VENCEREMOS!**

# COMUNISMO E REVOLUÇÃO

(Continuação da página 8)

**INTERVENÇÃO DA C.I.A. NOS ASSUNTOS INTERNOS DOS TRABALHADORES PORTUGUESES**

10 DE JUNHO DE 1975

**CONSELHO CRITICA ALIANÇA MILITAR-COMUNISTA EM PORTUGAL.**

Washington — A AFL-CIO solicitou a todas organizações sindicais livres e governos democráticos que protestem e condenem a aliança comunista-militar em Portugal que vem ameaçando a liberdade,

a democracia e a paz naquele país.

O Conselho Executivo da Federação também solicitou ao Governo dos Estados Unidos que tome com urgência assistência econômica a um governo democrático em Portugal e que se manifeste contra a «crescente evidência de violações básicas dos direitos humanos e sindicais» — violações estas que deveriam ser também «sujeitas a inquérito pelas Nações Unidas».

Apartar dos recentes resultados das eleições para uma assembleia constituinte, que «fora de dúvida deu ganho de causa à uma maioria controlada pelos partidos socialista e democrático popular», o Movimento das Forças Armadas declarou-se acima de

qualquer forma feita de governo, observa o Conselho.

Uma minoria infiltrada solidamente entre os militares apropriou-se do comando do governo e declarou-se alinhada com o Partido Comunista, acusa o Conselho, resultando no facto de que a organização Intercidade anorouca em confederação única dos trabalhadores, organização esta controlada pela Federação Sindical Mundial, com sede em Praga e de orientação socialista.

O conselho declarou que «não concorda com alguns comentários ocidentais que alegam estar o povo português tão condicionado pelos longos anos de submissão a uma ditadura de direita que não aceitará nenhuma outra

ditadura, desta vez dominada pelo Partido Comunista, genericamente financiado pela União Soviética».

A Direcção do nosso Sindicato enviou o seguinte telegrama de protesto para a AFL-CIO (Confederado Norte-Americano do Trabalho).

«A Direcção do Sindicato dos Metalúrgicos do Porto, Portugal, protesta energeticamente, posição caluniosa e reaccionária, assumida conselho Executivo de tenebrosa organização de C.I.A., AFL/CIO. Quando trabalhadores portugueses eram espantados e torturados pela PIDE/DGS não estava a AFL/CIO com a sua intervenção junto das organizações democráticas e

sindicais para a libertação dos presos políticos.

O movimento sindical português é unitário, independente do Estado, dos partidos políticos e das instituições religiosas, e das organizações sindicais estrangeiras reabundando qualquer tipo de ingerência na sua vida orgânica, do tipo C.I.A. aliado ao imperialismo linceu.

A Inter sindical Nacional é na verdade a central única dos trabalhadores portugueses, aleita todos trabalhadores portugueses e consignada na lei.

Muito mal vêm os trabalhadores norte-americanos com a política divisionista e fascista da AFL/CIO.

Direcção Metalúrgicos Porto

# A REVOLUÇÃO É A NOSSA LUTA

Camaradas

Passado e festejado que foi o primeiro aniversário da nossa Revolução, deixa-se no ar, uma pergunta que a todos nós cabe a responsabilidade, em plena consciência respondermos e que é a seguinte:

o que aprendemos com ela?

O que fizemos com ela?

E o que devemos continuar a fazer com ela e através dela?

Pela minha parte e em primeiro lugar, direi que, já muitos anos antes do 25 de Abril de 1974, muitos de nós procurávamos um 25 de Abril, que nos abrisse as portas da escola, aonde todos nós trabalhadores e operários, aprendéssemos a viver a nossa própria vida em Liberdade. Eramos muitos milhares os que anávimos por tal, só que dentro desses muitos milhares, nem todos sentiam o cogagem, para vencer o recalcio que nos era imposto pelo Governo fascista e traidores do nosso país, mas com o 25 de Abril de 1974 a escola tão desejada, abriu mesmo as suas portas para todos os Portugueses, a lição não se fez esperar, e eis que rapidamente a aprendizagem da luta a sul e posta em prática, embora talvez com mais intensidade para o sul do que para o norte e cujos resultados são já do conhecimen-

to geral, e que desde a mais pequena reivindicação, passando pela comissão, autogestão nacionalizada até à formação de cooperativas tudo isso se tem feito.

Gracias à lição que aprendemos, através dos bons professores nas escolas que nos foram abertas pela Revolução do 25 de Abril de 1974.

Mas será que já estejamos satisfeitos? Camaradas, os trabalhadores e operários ainda não conquistaram, uma vida estável, nem sequer tranquila não só por ainda não poderemos comprar tudo que precisamos, com o que ganhámos, como pela instabilidade de emprego e pelo desemprego que neste momento, assola muitos milhares de nossos camaradas por todo o País, o que quer dizer que a nossa luta revolucionária, não pode atropelar sequer, enquanto não atingirmos o objectivo comum: a estabilidade da vida nacional.

Em relação à 3ª pergunta e em meu entender, creio que é indispensável darmos continuidade à nossa Revolução, para que através dela possamos fazer o Portugal que queremos e que interessa a todos os trabalhadores e camaradas? Esperando comedidamente, que só uns façam o que todos queremos e precisamos, e isto é o título de uma Revolução é de todos bem como os problemas são de todos, hoje mais do que nunca temos que ser solidários,

a luta deve ser comum, porque o inimigo que continua a espreitar, a oportunidade de voltar a espezinhar-nos, também como (o capitalismo). Camarada — Sabes porque lutas? e para que lutas? Camarada, a tua (nossa) luta vem de longe, não podes fugir a ela, se quiseres viver mais, devemos lutar, pensando não só na nossa sobrevivência, nunca esqueçamos que quando nos tivermos 3 devemos pensar nos que têm 2 e quando nós tivermos 6 ou 7 devemos pensar nos que têm só 3 ou 4 e é por aquelas que têm condições inferiores às nossas, que devemos lutar em primeiro lugar, pois do contrário não seremos honestos na nossa luta, o egoísmo leva as pessoas à discriminação e esta serve os interesses capitalistas e fascistas de cujo método sempre se utilizaram, para dividir os operários e trabalhadores, não queiram camaradas seguir este nojento sistema utilizado durante tantas décadas de anos, para nos oprimirem privando-nos da Liberdade que acabámos de conquistar, e que não queremos perder para tal não devemos limitá-la a nossa luta, ela não terá limites, mas é necessário que saibamos lutar e como lutar, não podemos esquecer que acabámos de conquistar o título de exemplo, que os cidadãos e mães para hoje terem uma melhor situação geral — não contestaram o sacrifício que

lhes foi imposto, que no aumento de horas de trabalho, para assim criarem as estruturas necessárias à reconstrução do País quer suportando sacrifícios a todos os níveis incluindo no sistema de alimentação, assim considero que todo o seu povo foi realista tal como o seu povo alguns mais tarde, ao conquistarem uma situação económica, social, depois de reconstruído o seu País. A nossa Revolução, começou apenas há 1 ano, Portugal está como todos sabemos, com a economia totalmente destruída, os trabalhadores e operários, estamos ainda necessitados de muitas coisas, mas há 200 000 desempregados há a necessidade absoluta de continuarmos a nossa

Revolução lutando, mas a nossa luta não pode de modo algum ser eficiente e justa nem produzir os efeitos que desejamos, se a mesma luta, não tiver em conta, os objectivos apontados e enveredarmos por egoísmos ou interesses só pessoais; portanto considero que devemos reconhecer a oportunidade ou oportunidade da luta e escolher a sua melhor forma de o fazer para que fiquemos com as nossas consciências tranquilas, sem serem acusados de prejudicar nem a Revolução nem a economia nacional nem nenhum dos 200 mil camaradas desempregados, e assim poderemos ensinar os nossos filhos o que a Revolução do 25 de Abril, nos ensinou.

## CONVOCATORIA

O Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa convoca todos os seus associados para a Assembleia Geral a efectuar no próximo dia 20, pelas 21 e 30, no salão «Voz do Operário» sito na Rua Voz do Operário, 3, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Discussão e aprovação dos Novos Estatutos do Sindicato.

NOTA — É imprescindível a apresentação do cartão de sócio. Camarad Comparce e Participe.

Revolução lutando, mas a nossa luta não pode de modo algum ser eficiente e justa nem produzir os efeitos que desejamos, se a mesma luta, não tiver em conta, os objectivos apontados e enveredarmos por egoísmos ou interesses só pessoais; portanto considero que devemos reconhecer a oportunidade ou oportunidade da luta e escolher a sua melhor forma de o fazer para que fiquemos com as nossas consciências tranquilas, sem serem acusados de prejudicar nem a Revolução nem a economia nacional nem nenhum dos 200 mil camaradas desempregados, e assim poderemos ensinar os nossos filhos o que a Revolução do 25 de Abril, nos ensinou.

# A TODOS OS MOTORISTAS EM ESPECIAL TAXI E LETRA A

Relembrando o sistema revolucionário que tem vindo a verificar-se, sobre o qual já foram colhidos grandes frutos, quer em nacionalizações ou em cooperativas, mas todas benéficas aos trabalhadores, formas estas que foram tomadas contra-pondo-se a forma reaccionária tendo esta sido derrotada pela acção dos trabalhadores, também no sector da praça de táxis e letra A se sentiram os efeitos reaccionários no factor dos despedimentos quando das revisões salariais de Junho de 1974. Também agora que se avizinha a negociação do contrato verbal faz-se já sentir uma antecipação reaccionária do patrão, em despedimentos sem justa causa. O sindicato, consciente da responsabilidade e, ao reconhecer a gravidade de tais despedimentos e em exemplo da acção que tem vindo a desenvolver no automódio de várias viaturas como oposição às irregularidades cometidas pelo patronato, em prejuizo dos trabalhadores, e reconhecendo que só dando continuidade ao sistema revolucionário seguido até aqui poderemos alcançar os objectivos para o nosso futuro, pro-

ponos: quando se efectuar um despedimento sem justa causa, os trabalhadores da firma onde o mesmo se registar deverão imediatamente apoderar-se da "ou das viaturas" dessa firma contactando com todo apoio do sindicato, que tudo fará para que os alvares não pertençam mais aos mesmos patrões, e sejam assim distribuídos aos trabalhadores pela forma achada mais conveniente por estes. Reservando-se apenas à entidade patronal o direito de serem reembolsados do valor do automóvel, depois de avaliado por quem de competência, e deduzidas as indemnizações aos trabalhadores despedidos.

### CAMARADAS:

**NÃO DESPREZEZ A LUTA REVOLUCIONÁRIA QUE NOS FOI PROPORCIONADA PELAS FORÇAS ARMADAS E QUE NOS UNIDAS NA MESMA LUTA PODEREMOS DERRUBAR O PATRONATO E CONQUISTARMOS O QUE SEMPRE DE DIREITO NOS PERTENCEU.**

Lisboa, 19/5/975 — Sindicato dos Transportes Rodoviários de Lisboa.



## COMUNICADO

# FISCALIZAÇÃO

Nos dias 31.5 e 1.6.75 realizou-se uma operação conjunta de fiscalização de horário de trabalho aos transportes automóveis. Esta operação foi realizada das 7 às 24 horas dos citados dias, tendo sido levantados quatrocentos autos e nela colaboraram o Sindicato dos Transportes Rodoviários de Lisboa, Inspeção de Trabalho, Polícia de Segurança Pública e Guarda Nacional Republicana, além de um grupo de motoristas que voluntariamente se colocaram à disposição deste Sindicato no sentido de colaborar nesta operação a maior exploração dos trabalhadores. Este trabalho teve por finalidade reduzir tanto quanto possível o excesso de horas de trabalho e a utilização por parte do patronato de motoristas em

regime de "part-time" (os chamados comissionistas). Aqui chamamos a atenção dos motoristas profissionais e do público em geral que esta tomada de posição visou para qualquer Organismo Social, tendo como única regalia o produto da sua exploração o dinheiro. Ora não é continuando a trabalhar nestas condições que se ganha a batalha da produção e não vamos consentir que uns tenham 2 empregos e outros não tenham nenhum. Por isso este Sindicato está com a batalha da produção mas contra qualquer forma de exploração e fará quantas fiscalizações forem necessárias para acabar de vez com esta situação de legalidade.

Lisboa, 3 de Junho de 1975

## A COLABORAÇÃO ATRAVÉS DA IMPRENSA

Como trabalhador do nosso sindicato, sempre se me tem deparado ao longo do tempo, algumas anomalias em certos sectores dos serviços, das quais a causa principal é a falta de informação por parte da massa associativa ao seu sindicato. É com bastante mágoa que vejo chegar ao sindicato, principalmente quando se trata de enviar convocatórias, quer para assembleias gerais quer para outras reuniões de sector ou empresa, às centenas de correspondências devidas e isto porquê?

Porque alguns associados não se têm preocupado em comunicar ao sindicato a sua nova residência.

É evidente que em tais situações e por muito boa vontade que os trabalhadores tenham, não conseguem fazer chegar a todos, mas todos, as convocatórias e outras informações por vezes de considerável importância. Portanto camaradas, parem-me que chegou a altura de mantermos no vosso próprio interesse o sindicato devidamente informado, não só sobre a residência mas também sobre qualquer situação profissional.

Se estáis desempregado, doente, se restomate a actividade profissional ou se mudaste de residência, colabora connosco através da tua informação.

Para tanto, se não puderes dirigir-te ao teu sindicato, bastará uma simples carta, um postal ou um breve telefonema e assim o nosso trabalho será mais rápido e eficiente.

Também quero aqui lembrar a importância do cartão de sócio, pois ele não é mais nem menos do que um cartão de identificação da profissão que executamos e da legalidade de associado e que num dado momento pode ser necessário.

Sei que alguns de-vós não o possuem, ou por falta de fotografias, tempo disponível, deslocar ao sindicato, etc. mas com um pouco de boa vontade não tardas para mais tarde, dirigir-te à secretaria do sindicato ou informá-los no seu caso.

No próximo dia 20 lá estará em na assembleia da voz do Operário, mas atenção, não esqueçais o vosso cartão de sócio.

Saudações Sindicais

# EXIGIMOS A LIBERTAÇÃO DE JOSÉ DIOGO

Lemos os jornais e todo o mundo fica perplexo: de-use o 28 de Setembro e o 11 de Março.

A aliança povo/MFA demonstrou à reacção, ser inata destrutiva, mas algo há que tem transcendido essa aliança. Há poucos dias, perguntámos -para quando o saneamento nos Tribunais do Trabalho?-, ninguém nos respondeu. Hoje voltamos a ler o jornal e verificamos que na máquina da justiça portugue-

sa algo está errado. Quem? «O próprio ministro da Justiça, dr. Salgado Zenha», que tanto se afflige com os trabalhadores, tanto lutou para que a unicidade sindical não fosse consagrada na lei; não apoiou a nacionalização da banca, e isso só ele sabe porque. Atacco frontal e desmentido do Ministério do Trabalho; não apoiou a reforma agrária. Diz que os outros não trabalharam!

Pois, senhor ministro da

Justiça, nos trabalhadores portugueses, exigimos o imediato julgamento e a libertação do trabalhador português JOSÉ DIOGO.

ABAXIO OS LATIFUNDIARISTAS!  
ABAXIO A REACÇÃO!  
POVO + MFA!  
POVO UNIDO, JÁ M A I S SERÁ VENCIDO!

JUL

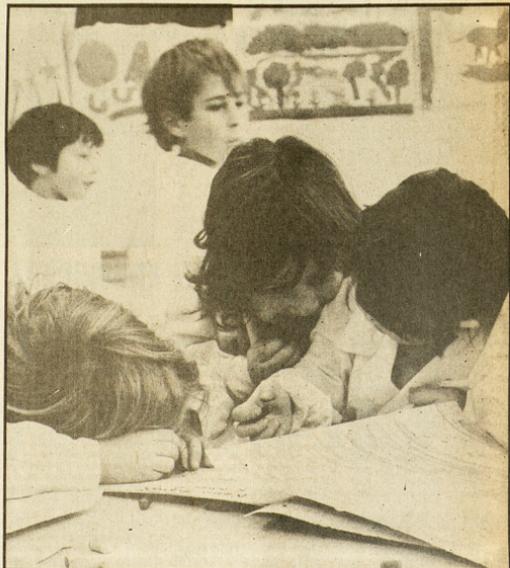
# DIA MUNDIAL DA CRIANÇA

*Exemplar do Trabalho Redigido no Dia do Trabalho  
Luzes, 19 de Maio de 1955*

*Para o jornal A Avança  
1.º ano  
Trabalho de parte da criança em  
Casa.*

*Do mundial da criança, Dia de alguma  
sola brincadeira, penso nas crianças que  
nã tem do mundial da criança.  
Aho ao pais de todos os meninos.  
Ho meninos que nã tem casa nem  
brincadeira nem dia mundial da  
criança. Vamos todos brincar e  
construirmos o pais de Paz com o M.P.T.  
Joze Manuel do Santo Valentim  
Barbosa, (Criança)*

*// anos  
apresentado por  
Augusto do Salto Góes  
n.º 35.623*



Há dias, e pela segunda vez no nosso país, comemorou-se o Dia Mundial da Criança. Dia especialmente destinado aos homens de amanhã. Aqueles que amanhã, darão continuidade ao mundo que lhes deixarmos por herança.

Para muitos adultos (e por vezes até bem intencionados) as crianças são uma es-

pécie de pessoas grandes. Pensam, esses adultos, que as crianças devem proceder como se fossem... grandes; devem sentar-se à mesa como deve ser; não devem meter o dedo no nariz; não devem perguntar à mãe como nascem os meninos, eu sei lá! Para esses adultos, as crianças têm que ser... adultas! Se assim não for, há que

educá-las. E educá-las quer dizer que se lhes deve dar uma lambada, sempre que necessário.

Mas, meus amigos, alguém disse certa vez: «As crianças são a coisa mais maravilhosa do mundo». E é certo. As crianças não são objectos, são pessoas como todos nós. Elas querem e podem. Só não mandam, porque ainda não estão suficientemente amadurecidas para o fazerem.

Quando a criança mete o dedo no nariz, é porque tem pocaria no nariz. Quando perguntam como nascem os meninos, é porque quer saber como é que ela própria apareceu neste mundo. Pois bem, questões como estas não se resolvem à lambada. É certo que, por vezes, chegam a casa sem paciência, cansados. Mas educar não é bater, não é gritar.

Educar é explicar, é fazer compreender, é responsabilizar. Em suma: educar crianças é preparar os homens de amanhã, e muitos deles já começam a saber o que querem. A provó-la aqui vão dois textos escritos por duas crianças de 11 anos.

## A TODOS OS MOTORISTAS DO DISTRITO DE LISBOA

Camaradas, como é do vosso conhecimento, foi enviado pelo nosso Sindicato, a todos os motoristas, uma cópia do projecto dos novos estatutos, para que os estudem, e enviem com urgência ao Sindicato, as alterações que acharem conveniente fazer, dentro do espírito da nova lei sindical.

Tem pois esta circular, a finalidade, de chamar à atenção dos camaradas, para a futura Assembleia Geral, que se vai realizar no dia 20/8/75 pelas 21.30 horas no salão da Voz Operária sita na Rua da Voz do Operário n.º 13.

Alguns pontos fundamentais. 1.º — Os antigos Estatutos, elaborados pelas leis fascistas, não serviam os interesses dos trabalhadores.

2.º — Saliu a nova lei sindical, foi pelo seu conteúdo que elaboramos os novos estatutos, que irão ser postos à discussão e aprovação pela Assembleia Geral.

3.º — Para a sua aprovação, segundo a nova lei, terá de ser por um mínimo de 2000 sócios, o que exige a presença de todos os motoristas, e a completa unidade de todos os trabalhadores.

4.º — Nos sindicatos, co-

mo nas suas assembleias, as ideologias partidárias não contam, pois todos os trabalhadores têm os mesmos anseios que é fazer um sindicato, cada vez melhor, mais revolucionário, que mais defenda os nossos interesses.

5.º — Também alertamos os camaradas, para as tentativas divisionistas, de alguns grupos ou partidos, que parece esquecerem o significado da unidade, ou nada têm a ver com os trabalhadores.

6.º — Todos os motoristas, devem fazer-se acompanhar do cartão de sócio, sem o

qual não poderão entrar, e para que a assembleia decorra democraticamente, todos os camaradas que queiram fazer uso da palavra, devem dirigir-se e inscrever-se na mesa e aguardar a sua vez.

Camarada, té com atenção estes pontos, e verás que no teu interesse, que é o de todos nós, nenhum motorista pode faltar a esta assembleia. Todos à Assembleia Geral na Voz do Operário.

Viva a unidade dos Motoristas.

Saudações Sindicais.